

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Ilustração - Wilson Inacio/IA ANO V - maio/junho/2025

#34

AVALIE NOSSO PROJETO



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL."

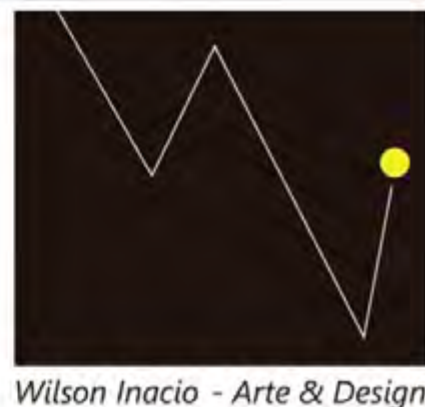


Lei Paulo Gustavo

Juntos para a cultura resistir



Pensamento Livre



A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio
Jornalista responsável: Aldo Moraes
Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony
Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio
Curadoria Caderno literatura #35: Pablo Andrés Rial

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>
A revista pode ser baixada

gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

ISBN - 978-65-999129-0-0



POLÍTICA NACIONAL



ALDIR BLANC



RECORDE

Todos os estados e 5.568 municípios aderem à Aldir Blanc: Brasil vive maior mobilização cultural da história

Adesão histórica de 99,9% das cidades é resultado do compromisso do Ministério da Cultura com a
nacionalização dos recursos

Nesta segunda-feira (26/05), às 23h59, terminou o prazo para os entes da federação solicitarem a adesão à Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Resultado da mobilização realizada pelo Ministério da Cultura (MinC), todos os estados e 5.568 municípios enviaram os Planos de Ação e se somam à maior política pública contínua de fomento cultural já implementada no país. Apenas Santa Cruz da Esperança e Ipiguá, ambas cidades de São Paulo, não aderiram.

Para a ministra da Cultura, Margareth Menezes, os números reafirmam o compromisso da pasta com a nacionalização dos recursos e democratização do acesso às políticas culturais. “É uma adesão histórica. Cultura é direito e também um pilar estratégico do desenvolvimento social e econômico. Estamos vivendo a maior mobilização cultural da história do Brasil. Isso mostra que a cultura é prioridade para os governos federal, estaduais e municipais e que estamos construindo, juntos, uma política sólida, estruturante e transformadora para todo o país.”

Com o envio do Plano, os estados e municípios ficam aptos a receber os valores a partir de 2025, dentro do segundo ciclo da Aldir Blanc (2025-2029), que prevê o repasse de R\$ 12 bilhões até o final do período. São até R\$ 3 bilhões em

recursos federais a cada ciclo, disponíveis para investimentos em ações como fomento direto, apoio a Pontos e Pontões de Cultura, manutenção de espaços culturais e obras de infraestrutura.

“A adesão total ao segundo ciclo da Política Nacional Aldir Blanc representa um marco histórico para a democratização do acesso aos recursos culturais no Brasil. Com um planejamento plurianual de quatro anos, estamos garantindo não apenas a nacionalização dos investimentos, mas também proporcionando estabilidade e segurança para que os projetos culturais possam florescer em cada território”, reforça o secretário-executivo do MinC, Márcio Tavares

“A Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura é uma política do tamanho do Brasil! 99,9% dos municípios e 100% dos estados brasileiros fizeram adesão a essa política para que os recursos públicos de cultura cheguem a todos os cantos do país, nesse Brasil profundo. Isso significa que o direito à cultura vai se consolidando no nosso país para todas as pessoas, como um bem público para todas as pessoas”, completou a secretária dos Comitês de Cultura, Roberta Martins.



Iniciativa vai selecionar 25 experiências; inscrições começam dia 10 de junho

Lançado nesta terça, Prêmio Vivaleitura vai injetar R\$ 550 mil em ações de fomento à leitura e escrita

Ministério da Cultura (MinC), por meio da Secretaria de Formação Artística e Cultural, Livro e Leitura (Sefli), e o Ministério da Educação (MEC), lançaram na terça-feira (3), o 9º Prêmio Vivaleitura - Edição 2025. O evento, realizado na Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles (BDB), em Brasília, vai destinar R\$ 550 mil a 25 práticas inovadoras que fomentam a leitura e escrita no país.

A ação é uma parceria da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação (OEI), que objetiva mapear a realidade brasileira. Mais de 14 mil experiências foram catalogadas, nas cinco regiões do Brasil, nas edições anteriores.

As inscrições on-line começam dia 10 de junho e seguem até 11 de julho de 2025. Mais informações,

na Plataforma do Mapa da Cultura.

Cinco categorias essenciais para a promoção da leitura e literatura no país serão contempladas: bibliotecas públicas, comunitárias e privadas; escolas públicas, privadas e bibliotecas escolares; espaços diversos de práticas continuadas em diversos ambientes, escrita criativa com ações voltadas para a produção escrita; e iniciativas no sistema prisional e socioeducativo.

A premiação será concedida da seguinte forma: R\$ 50 mil para o vencedor e R\$ 15 mil para cada finalista (2º ao 5º lugar), somando R\$ 550 mil total em prêmios de reconhecimento.

Para o secretário de Formação, Livro e Leitura do MinC, Fabiano Piúba, a iniciativa revela como a

leitura tem um outro papel muito importante, que é o político, que passa, segundo ele, pelo exercício pleno da democracia e pelo direito à cultura e à educação, pelo direito à leitura na perspectiva de reinvenção de mundos. “O Vivaleitura visa reconhecer boas práticas de promoção da leitura no Brasil. A escola é um dos eixos, mas também valorizamos as bibliotecas públicas e comunitárias, os espaços diversos, a escrita criativa literária e as ações desenvolvidas no sistema prisional”, explicou.



Em sua fala, a secretária de Educação Básica do MEC, Kátia Schweickardt, destacou a necessidade de escrevermos juntos e juntas, de imprimir a nossa marca no mundo, de como, para ela, a retomada do prêmio é fundamental para ver isso acontecendo nas bibliotecas públicas, comunitárias, dentro da escola, fora da escola. A secretária frisou ainda que a aprendizagem vai além da sala de aula. “A gente não aprende só na escola. Viver é, por si só, uma experiência de aprendizagem. Mas é quando estamos em conjunto que potencializamos essa força de aprender. O Vivaleitura nos permite justamente isso: exercitar a leitura de forma colaborativa”, ressaltou.

O diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do MinC, Jéferson Assunção, fez uma fala de retrospectiva do prêmio, ressaltando seu histórico e a importância da retomada. Lembrou do movimento, na América Latina e Caribe, há décadas, que começou a pensar a necessidade de os países fazerem seus planos nacionais de livro e leitura. “Aqui no Brasil, essa mobilização capitaneada pelo Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, teve como fruto o prêmio Vivaleitura que vinha para ajudar a enxergar a realidade da leitura no Brasil, no sentido de quais são as ações que estão acontecendo nos territórios. E, em 2006, então, foi lançada a primeira edição”, frisou.

Saiba mais

Durante o evento, foram apresentados detalhes do edital, explicando quem pode participar: pessoas físicas maiores de 18 anos; pessoas jurídicas (instituições privadas com e sem fins lucrativos); escolas públicas e privadas e bibliotecas escolares além de grupos e coletivos com atuação comprovada há pelo menos dois anos.

Entre os critérios gerais de avaliação, ressaltou-se a importância de a experiência ter potencialidade de replicabilidade; sustentabilidade e abrangência; criatividade e inovação, engajamento de redes, promoção da bibliodiversidade; impacto cultural, social e educacional; resultados e evidências e, por fim, relevância e justificativa.

Em uma segunda fase de seleção, serão analisados critérios complementares, a citar: qualidade metodológica; inovação e adaptação contextual; capacidade de mobilização e transformação e protagonismo dos beneficiários. Além disso, foram citadas as bonificações especiais como pontuações extras para grupos em vulnerabilidade (3 pontos extras); recursos de acessibilidade (3 pontos extras); ações para migrantes e refugiados (1 ponto extra), e origem do projeto pela região: Norte (3 pontos extras); Nordeste (2 pontos extras) e Centro-Oeste (1 ponto extra).

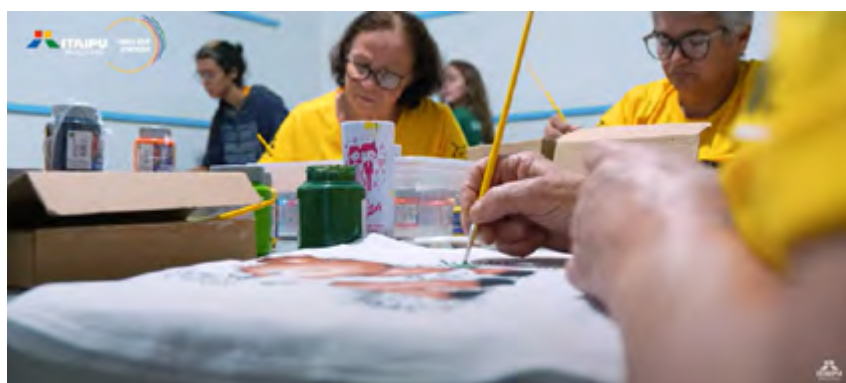
Histórico

Criado em 2006, o Vivaleitura já premiou diversas iniciativas que transformaram comunidades por meio da leitura. É o caso do projeto “Jegue Livro”, no Maranhão, que levou acervos literários a zonas rurais em cestos de jegue, e da “Borrachaliteca”, biblioteca criada em uma borracharia na periferia de Sabará (MG), que virou ponto de encontro para leitores da região. Esses são exemplos de como a leitura, quando acessível e próxima do cotidiano das pessoas, pode mobilizar territórios e criar redes de troca e aprendizado.

A transmissão do evento está disponível no canal do MinC no YouTube.



Ponto de Cultura é tema do quinto episódio da série "Investindo em Pessoas"



Vídeo disponível no canal da Itaipu no Youtube mostra como as oficinas impactam a vida de mais de 2 mil pessoas em 12 municípios do Paraná

Confira o episódio em <https://youtu.be/nQQ1CAkJbqw>.

O quinto episódio da série de vídeos "Investindo em Pessoas" vai ao ar nesta quarta-feira (14) no canal oficial da Itaipu no YouTube. A produção apresenta iniciativas do Programa Itaipu Mais que Energia, alinhado às diretrizes do Governo Federal, em comunidades do Paraná e do Sul do Mato Grosso do Sul, área de atuação prioritária da binacional. No episódio gravado em Francisco Beltrão (PR), é apresentado o Ponto de Cultura, uma iniciativa que tem proporcionado grande impacto social a duas mil pessoas de 12 municípios paranaenses. No total, 60 profissionais conveniados promovem 70 oficinas nas áreas de música, grafite, informática, horta, violão, psicologia comunitária, nutrição.

As oficinas são pensadas para oferecer conhecimento,

fortalecer vínculos e criar oportunidades especialmente em comunidades vulneráveis. O resultado é o aumento da autoestima dos participantes, mais aprendizado e mais qualidade de vida, por meio de uma rede de solidariedade que constrói, todos os dias, um futuro mais humano e inclusivo.

A série "Investindo em Pessoas" vai ao ar semanalmente, às quartas-feiras, no Youtube da Itaipu e nas redes dos 21 Núcleos de Cooperação Socioambiental, iniciativa da Itaipu e do Itaipu Parquetec de promoção de governança participativa no território. A produção é da Video Up, contratada da Comunicação Social da Itaipu, com apoio da Diretoria Geral e da Diretoria de Coordenação.



PINACOTECA do Estado de São Paulo

JÁ CONHECE O PODCAST

OUVIR PRA VER?

Nele, a Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo apresenta audiodescrições de obras de arte da coleção do museu. Assim, pessoas com deficiência visual podem conhecer obras que se encontram expostas na mostra Pinacoteca: Acervo.

A arte e o museu são de todos e todas!

“Ouvir pra ver” é uma série de podcasts com audiodescrições de obras da coleção do museu para que pessoas com deficiência visual possam conhecê-las.

No episódio 15 você pode ouvir a descrição das obras “Vale do Anhangabaú à noite” (1981), de Gregório Gruber e “A viagem” (1966), de Anna Maria Maiolino: <https://open.spotify.com/episode/0DGzeZnY6PjBfp3eIDcwtU...>

“Ouvir pra ver” é um podcast desenvolvido por nosso Núcleo de Ação Educativa. @culturasp #CultSP

Em 2025, o Núcleo de Ação Educativa tem o patrocínio de @equinor, Ultragaz, @Bloomberg, SOMOS Educação, @sabespcia, Família Hees, @grupounipar, Instituto Machado Meyer, @white.martinsbrasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet.

Vale do Anhangabaú à Noite e A Viagem -

Ouvir pra Ver #15

<https://www.facebook.com/PinacotecaSP>

Pina_



O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!

www.youtube.com/@podechefe



CLICK PARA ASSISTIR

Planejar com estratégia, criar com liberdade.



Esse é o livro digital, e-book, de autoria de Carolina Damião, “Planejar com estratégia, criar com liberdade” do curso “Produção cultural: ferramentas de facilitação de planejamento estratégico”.

Neste material você vai encontrar informações para estruturar um projeto cultural para inscrição em editais, ferramentas de facilitação de planejamento estratégico para a elaboração de projetos culturais, um método para analisar a eficácia das propostas e sobre como prestar contas com tranquilidade.

Baixando o e-book você terá acesso a 06(seis) documentos* comentados e editáveis para facilitar o planejamento do seu projeto, sendo eles: esboço do projeto, planilhas (orçamentária, de ficha técnica e de cronograma), modelo de base de contrato, modelo de carta de anuência da equipe, modelo de termo de cessão de espaço e modelo de currículo.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSewH1GKfb_E3dQ0IPdB-9-CTiRv96cpZK6o1Vnzg5TxoVFQFA/viewform

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA –GOVERNO FEDERAL.

A execução das ações deste projeto, curso, livro digital, material compilado em vídeo com tradução em Libras e material complementar em áudio foi possível graças ao trabalho dos seguintes profissionais:

Realização: Horla Produção e Arte
Coordenação de Produção: Isadora Yalodê
Professora e autora: Carolina Damião
Designer gráfico: Fernando Souza – Maringaense Cultural
Revisão textual: Luana Paes
Captação e edição de som: Natália Gimenes
Intérprete de Libras: Francielle Lopes
Captação audiovisual, legendas e finalização: Max – Fenda Filmes
Apoio: Centro de Ação Cultural Márcia Costa – Secretaria de Cultura de Maringá
Mais informações em carolinadamião.com.br

Ministério da Cultura e BB Asset apresentam



“Fullgás - artes visuais e anos 1980 no Brasil” chega ao CCBB São Paulo



Exposição apresenta mais de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, além de documentos e objetos, que dão um panorama da década de 1980 no Brasil



Beatriz Milhazes, Com quem está a chave do banheiro 10_@Manuel Águas & Pepe Schettino Imagens divulgação

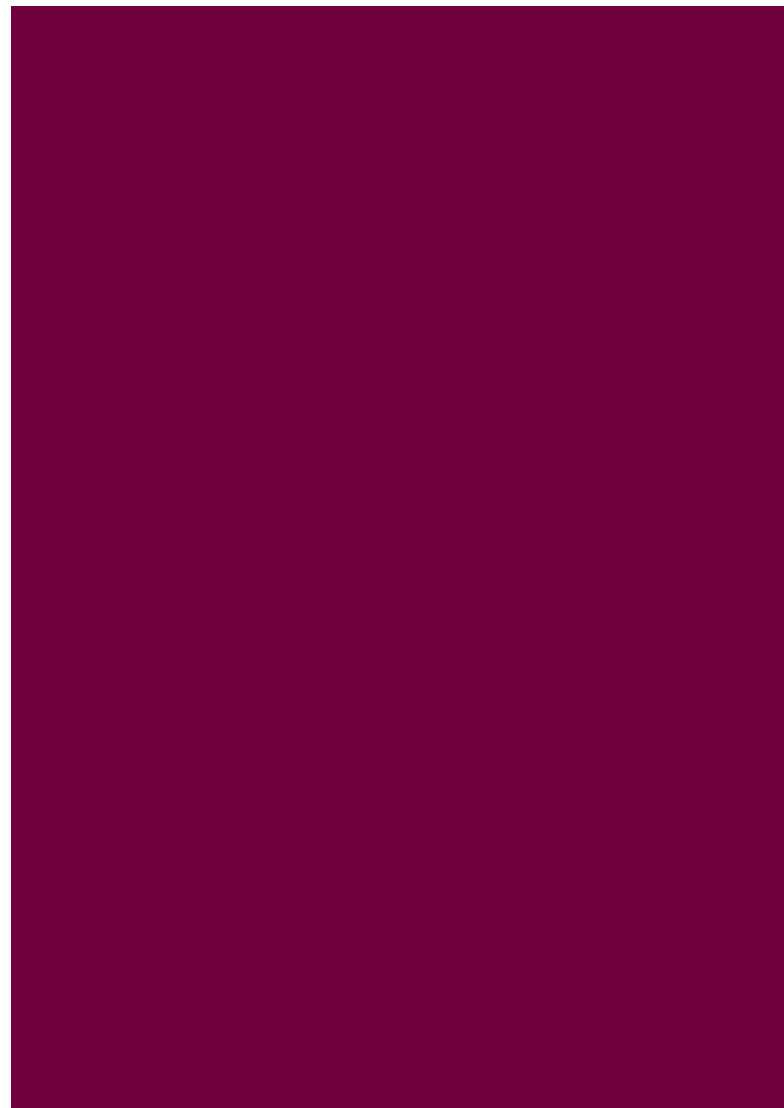
A grande exposição “Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” chega ao Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo a partir do dia 28 de maio de 2025. Com Raphael Fonseca como curador-chefe, e Amanda Tavares e Tálisson Melo como curadores-adjuntos, a mostra, apresenta cerca de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, mostrando um amplo panorama das artes brasileiras na década de 1980. Completam a mostra elementos da cultura visual da época, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos icônicos, ampliando a reflexão sobre o período. O projeto é patrocinado pela BB Asset, gestora de fundos do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal

de Incentivo à Cultura. Mário Perrone, diretor comercial e de produtos da BB Asset, destaca que a responsabilidade da gestora vai além da administração de ativos. “Patrocinar a exposição ‘Fullgás’ reforça nosso compromisso com o futuro, investindo não apenas em resultados, mas também naquilo que transforma uma sociedade: a cultura e arte. Como a maior gestora de fundos do Brasil, temos a honra de contribuir para a preservação do legado cultural do país, inspirando novas gerações e promovendo um Brasil mais vibrante e consciente da sua rica história e expressão artística. Este é o tipo de investimento que gera valor para todos.”

“Fullgás”, assim como a música de Marina Lima, deseja que o público tenha contato com uma #Pública geração que depositou muito de sua energia existencial não apenas no fazer arte, mas também em novos projetos de país e cidadania. Uma geração que, nesse percurso, foi da intensidade à consciência da efemeridade das coisas, da vida”, afirmam os curadores. A exposição ocupará todo prédio histórico do CCBB São Paulo e será dividida em cinco núcleos conceituais cujos nomes são músicas da década de 1980: “Que país é este” (1987), “Beat acelerado” (1985), “Diversões eletrônicas” (1980), “Pássaros na garganta” (1982) e “O tempo não para” (1988). Na rotunda do CCBB haverá uma instalação do artista paraense radicado no Rio de Janeiro Paulo Paes, com um grande balão feito especialmente para a mostra. “O balão é um objeto efêmero, que traz uma questão festiva, de cor e movimento”, explica a curadoria. No espaço do programa educativo, uma banca de jornal com revistas, vinis, livros e gibis publicados no período, com fatos marcantes da época, fará o público entrar no clima da exposição. A mostra aborda o período de forma ampla, entendendo que seus questionamentos e impulsos começaram e terminaram fora do marco temporal de dez anos que tradicionalmente constitui uma década. Desta forma, a exposição abrange o período entre 1978 e 1993, tendo como marcos o final do Ato Institucional 5 e o ano posterior ao impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. “Consideramos para a base de reflexões este arco de quinze anos e todas as suas mudanças estruturais e culturais para pensarmos o Brasil: do fim da ditadura militar ao retorno a uma democracia que, logo na sequência, lidará com o trauma de um impeachment”, contam os curadores, que selecionaram para a exposição obras de artistas cujas trajetórias começaram neste período. Nas artes visuais, a Geração 80 ficou marcada pela icônica mostra “Como vai você, Geração 80?”, realizada no Parque Lage, em 1984. A exposição no CCBB entende a importância deste evento, trazendo, inclusive, algumas obras que estiveram na mostra, mas ampliando a reflexão. “Queremos mostrar que diversos artistas de fora do eixo Rio-São Paulo também estavam produzindo na época e que outras coisas também aconteceram no mesmo período histórico, como, por exemplo, o ‘Videobrasil’, realizado um ano antes, que destacava a produção de jovens videoartistas do país”, ressaltam os curadores. Desta forma, “Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” terá nomes de destaque, como Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Leonilson, Luiz Zerbini, Leda Catunda, entre outros, mas também nomes importantes de todas as regiões do país, como Jorge dos Anjos (MG), Kassia Borges (GO), Sérgio Lucena (PB), Vitória Basaia (MT), Raul Cruz (PR), entre outros. Para realizar esta ampla pesquisa, a exposição contou, além dos curadores, com um grupo de consultores de diversos estados brasileiros. Além das obras de arte, a exposição trará, ainda, diversos elementos da cultura visual da década de 1980, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos, que fazem parte da formação desta geração. “Mais do que sobre artes visuais, é uma exposição sobre imagem e as obras de arte estão dialogando o tempo

inteiro com essa cultura visual, por exemplo, se apropriado dos materiais produzidos pelas revistas, televisões, rádios, outdoors e elementos eletrônicos. Por isso, propomos incorporar esses dados, que quase são comentários na exposição, que vão dialogando com os elementos que estão nas obras de fato”, ressaltam Raphael Fonseca, Amanda Tavares e Tálisson Melo. Receber essa exposição reforça o papel do Centro Cultural Banco do Brasil como espaço estratégico de valorização da memória cultural brasileira e de democratizar o acesso à arte, oferecendo ao público uma oportunidade única de revisitar um período fundamental de transição política, social e estética no Brasil, sob uma perspectiva abrangente e descentralizada. Sua presença no CCBB SP, não apenas amplia o alcance e o impacto da exposição como também reafirma o compromisso do Banco do Brasil com a promoção da diversidade artística nacional, contribuindo para a construção de um olhar crítico e plural sobre a história recente do país. “Fullgás”, que já foi um grande sucesso no CCBB Rio de Janeiro e no CCBB Brasília, fica em cartaz no CCBB São Paulo de 28 de maio a 4 de agosto de 2025. Em seguida, será exibida no Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte, de 27 de agosto a 17 de novembro de 2025. Este projeto conta com incentivo da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet)

NÚCLEOS TEMÁTICOS A exposição será dividida em cinco núcleos:





Digulgação/Internet

QUE PAÍS É ESTE

Reflete sobre o fim da ditadura militar e a passagem para a democracia. “Este núcleo traz questões relativas à política e à economia, debates em torno da Constituição, organização civil, variação das moedas, inflação, além de questões relativas à violência, pensando na herança da década de 1970 e da ditadura militar. Todos esses elementos estão colocados de uma maneira que questiona e tenta definir os rumos do país, a ideia de nação através de identidade e território”, contam os curadores. Desta forma, estão neste núcleo movimentos negros, de mulheres, indígenas e seringueiros, além do movimento punk, vinculado

a debates políticos e sociais, assim como os debates em torno da Constituição e da redemocratização. Integram este núcleo obras que citam a ditadura e a tortura, como “Sem título” (1982), de Aprígio e Frederico Fonseca, os registros de movimentos sociais feitos pelo fotógrafo paraense Miguel Chikaoka, além de trabalhos de coletivos que começam a ocupar as ruas, algo até então não permitido pela ditadura militar, como o coletivo Manga Rosa. Arthur Bispo do Rosário também está neste núcleo com “Uma obra tão importante que levou 1986 para ser escrita”. O filme “Patriamada”, dirigido por Tizuka Yamasaki, feito durante do processo das Diretas Já, também integra este núcleo, assim como diversos outros trabalhos



Digulgação/Internet

BEAT ACELERADO

Traz obras e artistas que preferiram focar na nova aceleração do tempo, nos amores efêmeros, no prazer e na paixão pela cor. "Esse título remete ao corpo, à batida do coração, à empolgação, ao frenesi, e está mais em diálogo com artistas associados à pintura e ao desenho, com a comemoração e a negação da austeridade da arte dos anos 1970, que era vista como muito racional", afirmam os curadores. Este é o maior núcleo da exposição e tem muitas obras onde a cor desempenha um papel central, como "Com que está a chave do banheiro 10?" (1989), de Beatriz

Milhazes, e "Cérebro em stand" (1988), de Leda Catunda, mas também vídeos e esculturas, que trazem a ideia de emoção, como "Hommage aux marriages" (1989), de Marcos Chaves. "É o núcleo da abertura, da possibilidade de viver em um mundo colorido após a saída da ditadura", contam os curadores. Neste núcleo também estão obras como a camisa "Overgoze" (1981), de Eduardo Kac, na época parte do Movimento de Arte Pornô, e "Dois coqueiros" (1990), de Ciro Cozzolino, entre muitas outras, além de diversos elementos da cultura visual da época.



DIVERSÕES ELETRÔNICAS

Traz artistas que mergulharam em um futurismo típico do momento histórico no qual a televisão desempenhou papel essencial, assim como as novas invenções tecnológicas e o desejo pela expansão aeroespacial. “É a experimentação no campo da arte a partir do acesso a determinadas mídias eletrônicas e pela expansão das mesmas – computadores, fotografias, vídeo cassete e walkman, por exemplo. Há trabalhos que fazem uma experimentação com essa tecnologia e outros

que vão representar esses elementos”, contam os curadores. Exemplos disso são as obras “Painel de controle” (1987), de Luiz Hermano, e “Carro” (1980), de Jilberto Moreira. Há, ainda, pinturas que incorporam a TV, como uma série de trabalhos em xerox, de Alex Vallauri e “Família materialista” (1982), de Cristina Salgado, ou a obra de “Caderno Juquinha” (1980), de Lívia Flores, com referências da televisão e do design. Neste núcleo, estão também obras dos artistas baianos Leonardo Celuque – “Rastro de cometa” (1989) – e Jayme Figura – capacete feito de sucata “Sem título” (1980).



PÁSSAROS NA GARGANTA

Neste núcleo estão presentes artistas que observavam mais a natureza e as discussões ecológicas do momento, assim como questões relativas à propriedade de terra e as consequências trágicas do capitalismo selvagem. Neste núcleo estão paisagens, como as obras "Lacrima Christie" (1989), de Cristina Canale, "O pranto dos animais II" (1989), de Hélio Melo e "Barranco" (1982), de Jacqmont, mas também trabalhos que alertam para as questões ambiental e indígena. Neste núcleo está a pintura da série "Césio 137" (1986), de Siron Franco, e os

estudos para mosaico do Palácio da Cultura de Eliezer Rufino, feitos a partir de uma cultura visual de herança indígena. É um núcleo com mais esculturas, como "Totens" (1989), de Vitória Basaia. Há, ainda, a pintura na parede "Sem título" (1980), de Otoni Mesquita. "Esse núcleo vem quase como uma relação sublime sendo resgatada com a natureza, mas no sentido de uma natureza tanto quanto potencial de referência para a produção pictórica quanto de um assombro com as questões da Eco 92, com pautas colocando a nossa vulnerabilidade enquanto existência no planeta", dizem os curadores.



O TEMPO NÃO PARA

O último núcleo da exposição, reflete sobre a passagem do tempo, conectando-se também com o nome da exposição, "Fullgás", música de Marina Lima. "Este núcleo reúne obras que pensam a respeito da finitude e de como há uma discreta melancolia em todos os elogios ao excesso tão atribuídos a essa geração", contam os curadores. Integram este núcleo trabalhos como "Mapa a cores" (1987), de Ana

Amorim, que aborda sua localização e seus trajetos, "Sem título" (1990), de Fernanda Gomes, que fala da passagem do tempo através de papéis de cigarro acumuladas, "Coluna de cinzas" (1987), de Nuno Ramos, "As ruas da cidade" (1988), de Leonilson, "Entre céus e ruínas" (1992), de Leila Danziger, além das "Polaroids" (1980), de Fernando Zarif, e do vídeo "O profundo silêncio das coisas mortas" (1988), de Rafael França, entre outras.



SOBRE OS CURADORES

Raphael Fonseca (curador-chefe) nasceu no Rio de Janeiro e vive em Denver, EUA. É pesquisador da interseção entre curadoria, história da arte, crítica e educação. Trabalha como curador de arte moderna e contemporânea latinoamericana no Denver Art Museum desde 2021. Curador-chefe da 14ª Bienal do Mercosul, a acontecer em 2025. Curatorial advisor da Prospect.6, a acontecer em 2024, em New Orleans, Estados Unidos. Foi incluído na lista de 100 pessoas mais influentes das artes visuais globalmente pela revista ArtReview, em 2023. “Raio-que-o-partá”, exposição da qual foi curador-chefe e realizada no SESC 24 de Maio, recebeu os prêmios da Associação Brasileira de Críticos de Arte de melhor curadoria e melhor exposição de 2022. Doutor em Crítica e História da Arte pela UERJ. Recebeu o Prêmio Marcantonio Vilaça de curadoria (2015), o prêmio de curadoria do Centro Cultural São Paulo (2017), recebeu uma bolsa da Andy Warhol Foundation para a exposição “Who tells a tale, adds a tail” (Denver Art Museum, 2022), além de uma bolsa da Teiger Foundation para uma futura exposição sobre Roberto Gil de Montes, a ser realizada em co-curadoria entre o Denver Art Museum e o Los Angeles County Museum of Art (LACMA, junto a Rita González). Amanda Tavares (curadora-adjunta) nasceu em Ipatinga-MG e mora entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Atua com pesquisadora e curadora em exposições e publicações de arte, além de projetos experimentais que relacionam arte e educação. É Pós-doutora em Artes pela UERJ e doutora em Crítica e História da Arte pela mesma instituição. Mestre em teoria literária pela UNICAMP e graduada em Letras pela UFJF. É coordenadora editorial na 14 Bienal do Mercosul. Foi membro do Júri Open Lisboa, na Arco - feira de Arte Contemporânea (Lisboa, 2024). Foi pesquisadora, assistente de curadoria e coordenadora dos programas públicos na 23 Bienal SESC_Videobrasil (2023-2024). Em 2022-2023, foi contemplada com a Bolsa Masp Pesquisa-MASP, destinada à pesquisa e difusão do acervo do MASP. Foi pesquisadora de conteúdo e assistente de curadoria no projeto de requalificação do Sítio Burle Marx (exposição e livro institucional) (2019-2020). Atualmente desenvolve o projeto de pós-doutorado “Arte popular: modos de usar (PPGAH/UERJ)”, no qual se dedica à relação entre a chamada arte popular no contexto da arte moderna e contemporânea. Tálisson Melo (curador-adjunto) nasceu em Juiz de Fora-MG e vive em São Paulo. Curador, pesquisador e professor. Pós-doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio na Yale University, EUA. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também se graduou bacharel em Artes e Design, com concentração em História da Arte pela Universidad de Salamanca, Espanha. Em 2023, foi selecionado pelo prêmio de jovens curadores da OMA galeria. Ganhou o prêmio de melhor exposição (regional Centro-Oeste, 2023) da Associação Brasileira de Crítica de Arte (ABCA) pela exposição coletiva “Atualização do Sistema”, organizada pela Academia de Curadoria em parceria com a FAP-DF e o Museu Nacional da República.

SOBRE A BB ASSET A BB Asset

Empresa do Banco do Brasil, é responsável pela gestão de mais de 1200 fundos de investimento para 2 milhões de pessoas que buscam realizar seus sonhos. Líder nacional no setor de fundos de investimento, detém aproximadamente 19% do mercado e administra um patrimônio líquido de cerca de R\$ 1,73 trilhão*. Além disso, é reconhecida pela qualidade de sua gestão com as maiores notas das agências de classificação de risco Fitch Rating e Moody's. Nossas soluções de investimento estão disponíveis para atender a ampla variedade de objetivos de nossos

clientes. Como líder de mercado, entendemos nossa responsabilidade na atuação em prol dos desenvolvimentos ambiental, social, de governança corporativa e cultural. Com o objetivo de agregar valor à sociedade, a BB Asset patrocina iniciativas como a exposição Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil. Porque, além de gerir ativos financeiros, investir em arte e cultura - para a maior gestora de fundos do Brasil - também é melhorar a vida das pessoas! E esse é o nosso propósito! BB Asset: busque mais para seus investimentos! *Dados do ranking da ANBIMA de março de 2025.

SOBRE O CCBB SP

O Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, iniciou suas atividades há mais de 20 anos e foi criado para formar novas plateias, democratizar o acesso e contribuir para a promoção, divulgação e incentivo da cultura. A instalação e manutenção de nosso espaço em um prédio, em pleno centro da capital paulista, reflete também a preocupação com a revitalização da área, que abriga um inestimável patrimônio histórico e arquitetônico, fundamental para a preservação da memória da cidade. Temos como premissa ampliar a conexão dos brasileiros com a cultura, em suas diferentes formas. Essa conexão se estabelece mais genuinamente quando há desejo de conhecer, compreender, pertencer, interagir e compartilhar. Temos consciência de que o apoio à cultura contribui para consolidar sua relevância para a sociedade e seu poder de transformação das pessoas. Acreditamos que a arte dialoga com a sustentabilidade, uma vez que toca o indivíduo e impacta o coletivo, olha para o passado e faz pensar o futuro. Com uma programação regular e acessível a todos os públicos, que contempla as mais diversas manifestações artísticas e um prédio, que por si só, já é uma viagem na história e arquitetura, o CCBB SP é uma referência cultural para os paulistanos e turistas da maior cidade do Brasil.

Serviço: Exposição “Fullgás - artes visuais e anos 1980 no Brasil”
Período: 28 de maio a 04 de agosto de 2025 Horário: Todos os dias, das 9h às 20h (exceto às terças) Local: Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo Endereço: Rua Álvares Penteado, 112 – Centro Histórico – SP

Ingressos: Gratuitos em bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB INFORMAÇÕES CCBB SP:

Funcionamento: Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças Contato: (11) 4297-0600 | E-mail: ccbbsp@bb.com.br
Estacionamento: O CCBB possui estacionamento conveniado na Rua da Consolação, 228 (R\$ 14 pelo período de 6 horas - necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB). O traslado é gratuito para o trajeto de ida e volta ao estacionamento e funciona das 12h às 21h. Van: Ida e volta gratuita, saindo da Rua da Consolação, 228. No trajeto de volta, há também uma parada no metrô República. Das 12h às 21h.

Transporte público: O CCBB fica a 5 minutos da estação São Bento do Metrô. Pesquise linhas de ônibus com embarque e desembarque nas Ruas Líbero Badaró e Boa Vista. Táxi ou Aplicativo: Desembarque na Praça do Patriarca e siga a pé pela Rua da Quitanda até o CCBB (200 m).

Entrada acessível CCBB SP: Pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida e outras pessoas que necessitem da rampa de acesso podem utilizar a porta lateral localizada à esquerda da entrada principal. bb.com.br/cultura [instagram.com/ccbbsp](https://www.instagram.com/ccbbsp) | [facebook.com/ccbbsp](https://www.facebook.com/ccbbsp) | [tiktok.com/@ccbbcultura](https://www.tiktok.com/@ccbbcultura)

Sebastião Salgado: “Eu retrato a dignidade das pessoas”

Grande fotógrafo brasileiro morre aos 81 anos. Em entrevista, ele lembrou suas incursões em guerras civis e paisagens inóspitas. Rebateu críticos: “Nunca estetizei a miséria”. E contou como estava organizando seu acervo de 500 mil fotos



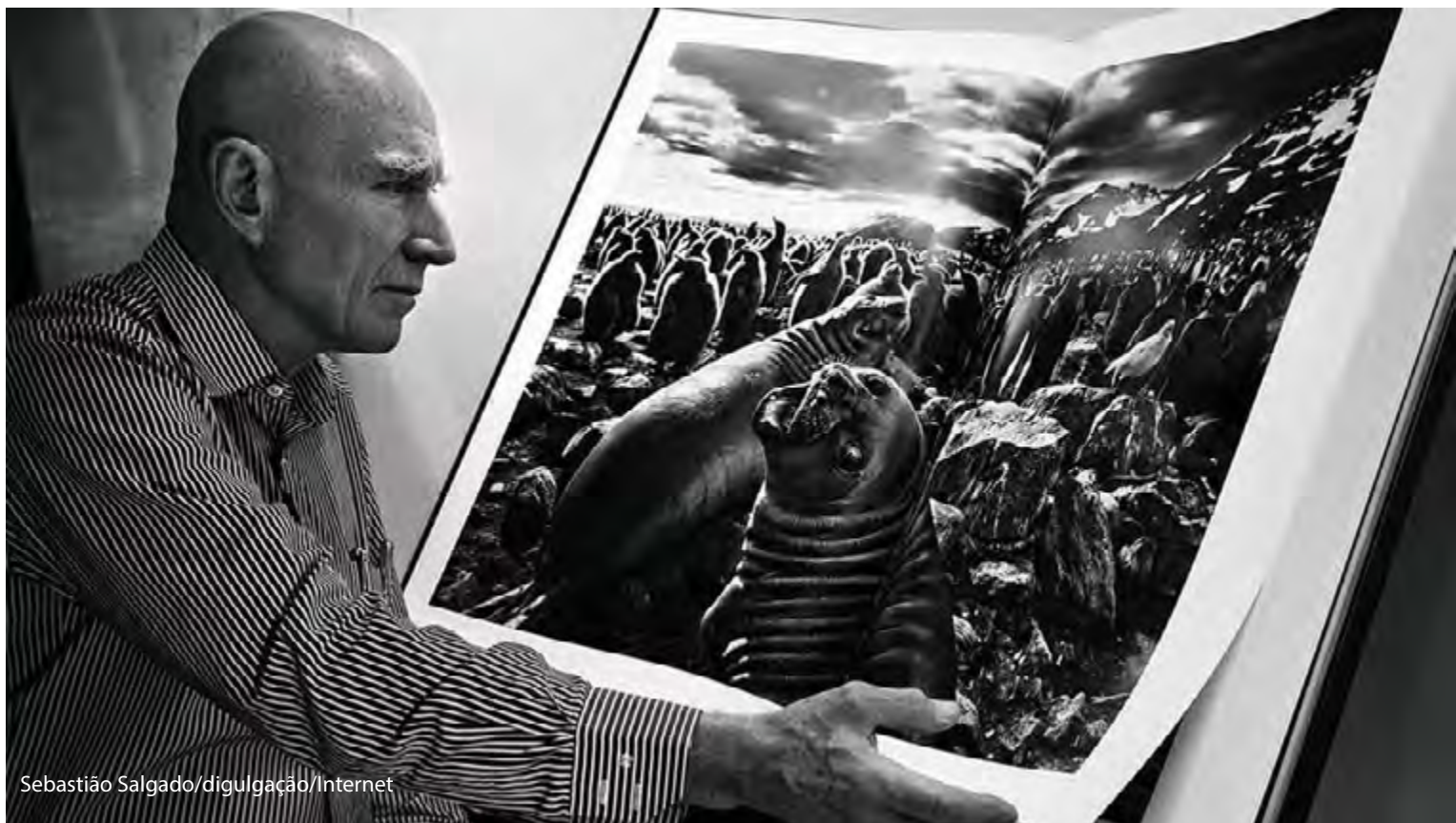
Sebastião Salgado/digulgação/Internet

Por Armando Antenore, na Piauí

Há pelo menos quatro décadas, Sebastião Salgado cultiva o hábito de cantar enquanto fotografa. Ô Inácio, ô Inácio/ Tua mãe é minha tia/ Ô Inácio, ô Inácio/ Somos da mesma família. Às vezes, o canto irrompe baixinho, quase num sussurro. Outras vezes, sai mais audível, embora não o suficiente para afugentar os retratados. Ô Inácio, ô Inácio/ Muié parida não come/ Ô Inácio, ô Inácio/ Farinha do mesmo dia. Eclético, o repertório de Salgado mescla uma infinidade de composições brasileiras com algumas em inglês, espanhol e francês, idiomas que o fotógrafo conhece bem. Ô Inácio, ô Inácio/ Se ela comê, ela morre/ Ô Inácio, ô Inácio/ Ou a criança não se cria. “Sei todas as canções de memória. São dezenas ou, talvez, uma centena – desde clássicos do Chico, Gil, Caetano e Luiz Gonzaga até modas de viola e músicas folclóricas como a do Inácio, que escutei na roça”, diz o mineiro de Aimorés. Um mês atrás, Salgado inaugurou uma pequena, mas significativa mostra em São Paulo. Organizada pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), a exposição – que termina no final de junho – reúne aproximadamente cinquenta fotos inéditas sobre os desdobramentos da Revolução dos Cravos. O levante cívico-militar estourou em 25 de abril de

1974 e derrubou a ditadura que assombrou Portugal durante 48 anos. A rebelião também contribuiu para a independência de Angola, Moçambique e outras colônias lusitanas na África. Muié danada, essa dona Maria/ Que dorme de noite, que acorda de dia/ Com a mão lá embaixo, coçando as virilha/ Se não fosse os homi, as muié não paria.

O costume de cantarolar no trabalho nasceu de uma necessidade. “O meu ofício exige concentração total. Preciso estar inteiramente conectado àquilo que pretendo registrar. Certas fotos demandam tamanha atenção que me deixam exausto. Tão logo as concluo, tenho que deitar no chão para relaxar”, explica o fotógrafo. Ele acredita que qualquer distração pode impedi-lo de fisgar o “instante decisivo” – o milésimo de segundo em que todos os elementos de uma cena se equilibram e revelam a essência daquela situação, como definiu Henri Cartier-Bresson, outro nome crucial da fotografia. “No início de minha carreira, usava câmeras analógicas com filmes de 36 poses. Era um problema”, continua Salgado. “Eu perdia a concentração sempre que o filme acabava. O simples ato de rebobinar a película, retirá-la da máquina, guardá-la e substituí-la já me roubava o foco. Com o tempo, notei que permaneceria



Sebastião Salgado/digulgação/Internet

concentrado se cantasse enquanto fotografava e prosseguisse cantando no momento de trocar o filme.” O mineiro preservou a cantoria mesmo depois de aderir às máquinas digitais.

Soltar a voz o remete invariavelmente à infância. “A Rádio Cultura, de Aimorés, transmitia um programa de calouros que me fascinava. Os candidatos se apresentavam ao vivo, no estúdio da própria emissora.” Apesar de criança, o fotógrafo participava frequentemente da atração. “Eu me saía bem, viu? Aos 8 anos, tirei até uma carteira profissional de cantor.”

Em fevereiro, quando se tornou octogenário, Salgado protagonizou uma reportagem no jornal *The Guardian* que repercutiu muito por aqui. De acordo com o diário britânico, o aniversariante iria “se aposentar do campo” (“retire from the field”) e dedicar o resto da vida à edição das mais de 500 mil imagens que vem produzindo desde a década de 1970. Parte da imprensa brasileira entendeu – e noticiou – que o mineiro penduraria as lentes em definitivo para virar algo como um curador de si mesmo. “Não é bem assim”, esclarece Salgado. “Vou continuar exercendo a função de fotógrafo. Abdicarei somente dos projetos extensos – aqueles que requerem seis ou sete anos de dedicação. Me parece imprudente que um homem da minha idade assuma compromissos de longo prazo.” Os fãs, portanto, já não devem esperar dele ensaios tão ambiciosos quanto *Êxodos*, um retrato dos fluxos migratórios que marcaram o fim do século XX, ou *Gênesis*, sobre ecossistemas que resistem às ameaças da sociedade industrial e seguem intocados. “De agora em diante, priorizarei empreitadas menores”, anuncia. “Se depender de mim, nunca vou parar de fotografar.” Nem de cantar, obviamente.

Os 51 anos de profissão, que levaram o fotógrafo para mais de 130 países, lhe deixaram marcas no corpo. Em 1975, Salgado cobria a guerra civil angolana quando um estilhaço de granada o atingiu. “Foi à tardinha. Eu me encontrava em Luanda, perto de uma fortaleza antiga, a de São Pedro da Barra. Estava com uma tropa de guerrilheiros esquerdistas, que portavam fuzis russos, os célebres Kalashnikov. A gente descansava numa clareira, dentro da mata, onde os combatentes acharam uma bola de pano e começaram um joguinho de futebol. O barulho da pelada

despertou a atenção do grupo inimigo, que ocupava a fortaleza. Os caras nos atacaram, e uma das granadas quase arrancou a perna de um guerrilheiro. ‘Não me abandones, pá!’, gritou o jovem para mim. Com a colaboração de outro rapaz, botei o ferido nas costas e fugi. O coitado sangrava à beça. A perna dele ficou presa só na pele. Um negócio tenebroso... Enquanto o pau quebrava, um pedaço de granada se alojou no meu peito. Mais tarde, ouvi do médico que me examinou: ‘Você deu muita sorte. Por um triz, o estilhaço não alcançou o coração.’”

Pouco antes, em 1974, o fotógrafo já havia driblado a morte. Ele reportava os conflitos anticoloniais que incendiavam Moçambique e, no Norte do país, descolou uma carona com o Exército português. “Às tantas, nosso caminhão passou sobre uma mina terrestre. Buuum! A explosão matou o pobre do chofer e machucou o oficial que o acompanhava na cabine. Eu viajava em cima da carroceria, totalmente aberta. Por isso, voei longe. Mal aterrissei, percebi uma fígada na cervical. A época, um médico me avisou: ‘Você vai melhorar logo, mas terá sequelas quando envelhecer.’ Hoje preciso de fisioterapia duas vezes por semana. Do contrário, o meu pescoço reclama.”

Em fevereiro de 1999, na Turquia, houve mais um percalço. Salgado retratava o movimento nacionalista dos curdos – população que reivindica uma parcela dos territórios iraniano, sírio, iraquiano e turco com o intuito de fundar um Estado próprio. “A polícia de Istambul provavelmente me monitorava. Num domingo de manhã, uns sete agentes avançaram contra mim em plena rua. Os brutamontes chutaram um dos meus tendões de Aquiles até rompê-lo. Doeu horrores. Eu não conseguia erguer o pé, que inchou na hora. Só me recuperei após uma cirurgia.”

Por causa de quedas ou escorregões que sofreu durante outras missões, o fotógrafo também operou o joelho direito e os dois ombros. Não bastasse, em 2010, na Nova Guiné, contraiu uma variedade grave de malária, a transmitida pelo protozoário *Plasmodium falciparum*. A doença comprometeu severamente o sistema imunológico de Salgado. “Minha máquina de fabricar glóbulos brancos e plaquetas quebrou. Não funciona mais de maneira adequada.” Em decorrência, aumentam as chances de trombozes, hemorragias, infecções e leucemia. “Faço exames



Sebastião Salgado/digulgação/Internet

periódicos para controlar as taxas sanguíneas. De resto, estou saudável. Sou bom como um coco!” Ele afirma que vibrou intensamente quando completou 80 anos. “Você não pode calcular o tamanho da minha felicidade. Eu cheguei lá, porra! Sobrevivi, mesmo me arriscando tanto. Não é fantástico?”

Enquanto se defrontava com os perigos do ofício, o mineiro jamais deixou de sentir medo. “Que ninguém se iluda: não tenho nada de Super-Homem. Em situações tensas, minhas pernas bambeiam, a boca seca, e uma hesitação se insinua. Só que nenhum receio supera meu imenso desejo de ver o mundo.” Para o ensaio *Gênesis*, lançado em 2013, Salgado se embrenhou pelo Alasca e documentou a Cordilheira Brooks. “Fui no verão. Um aviãozinho me largou sobre uma vasta planície e me buscou depois de uma semana. Fiquei absolutamente sozinho ali, subindo e descendo aquelas montanhas. Eu sabia que corria três grandes riscos: deparar com um urso faminto, cair nas águas congelantes de algum rio ou tropeçar em meio às escaladas e fraturar uma perna. Claro que o medo me rondava incansavelmente. No entanto, o prazer de observar paisagens tão magníficas compensava tudo. Era genial! Alcançar o topo de uma montanha e me enxergar como parte do universo vegetal, do universo mineral... Nada me gratifica mais do que entrar em comunhão com o planeta.”

Embora não vá se aposentar do campo, o mineiro está, sim, dedicando um esforço maior à garimpagem do próprio acervo, conforme adiantou o *Guardian*. A designer, cenógrafa, produtora e ambientalista Lélia Wanick Salgado o auxilia na tarefa. A capixaba de Vitória e o fotógrafo se conheceram em 1964. Casaram três anos depois e tiveram dois filhos. Há mais de cinco décadas, moram em Paris, onde também ficam os arquivos do casal. Desde que se uniram, Tião e Lelinha – apelidos carinhosos que gostam de usar – trabalham juntos. A designer não apenas faz o projeto gráfico de todos os livros do parceiro como assina a curadoria das mostras dele.

A exposição no MIS paulistano já é resultado das incursões que a dupla anda empreendendo pelas milhares de imagens cuidadosamente guardadas. Em abril de 1974, quando a Revolução dos Cravos eclodiu, Salgado estava fora de Portugal. O fotógrafo só chegou à capital do país um mês após a insurreição, na companhia da mulher e do primogênito. “Percorremos de automóvel os quase 1,5 mil km que separavam nossa residência parisiense de Lisboa. Eu dividia com Lelinha o volante de um Renault bem compacto. O Juliano, ainda bebê, viajava no banco de trás, dentro de uma cesta. A gente dirigia praticamente sem parar. Mandamos pau naquele carrinho... Queríamos muito presenciar e registrar a alegria dos portugueses.”

Na ocasião, as Forças Armadas governavam o Brasil havia dez anos. Não por acaso, a sublevação em Portugal inundava Salgado e a companheira de esperanças. Se os lusos conseguiram vencer uma ditadura tão ferrenha, os brasileiros também poderiam lograr façanha semelhante. O mineiro cursava economia e nem sequer imaginava adotar a profissão de fotógrafo no dia em que os militares expulsaram o presidente João Goulart de Brasília e assumiram o poder. Tempos depois, insatisfeitos com o regime autoritário, o economista recém-formado e a mulher se ligaram à Ação Libertadora Nacional. O grupo de esquerda abraçou a luta armada na infrutífera tentativa de derrotar os generais, almirantes e brigadeiros.

“Em 1969, a repressão aumentou por causa do Ato Institucional n.º 5, decreto que reduzia ainda mais os nossos direitos políticos e civis. Toda hora, recebíamos notícias de torturas contra opositores. Apavorados, resolvemos nos exilar. Trocamos São Paulo, onde vivíamos, por uma jornada de estudos em Paris”, recorda Salgado. Ele ingressou na Ensaie, prestigiosa escola de estatística e administração econômica, mas acabou não defendendo a tese que o tornaria doutor. Já Lélia aproveitou o degredo francês para se graduar em arquitetura.



Como a faculdade lhe exigia fotografar prédios e outros tipos de edificações, a capixaba decidiu arranjar uma câmera. Em junho de 1970, numa loja de Genebra, comprou uma Pentax Spotmatic II e três lentes: uma normal, uma grande angular e uma teleobjetiva. Salgado tinha 26 anos e, até então, jamais se interessara por equipamentos fotográficos. Mesmo assim, sentiu uma vontade irresistível de manusear a câmera da parceira. “No momento em que olhei pelo visor, me transformei completamente. Rolou uma epifania ou algo do gênero. Descobri a possibilidade de materializar em imagens tudo que me dava prazer, que considerava bonito ou que me revoltava.” Rapidamente, o mineiro aprendeu como lidar com a Pentax e revelar negativos. Lélia posou para a primeira foto que o marido tirou. A modelo casual estava diante de uma janela.

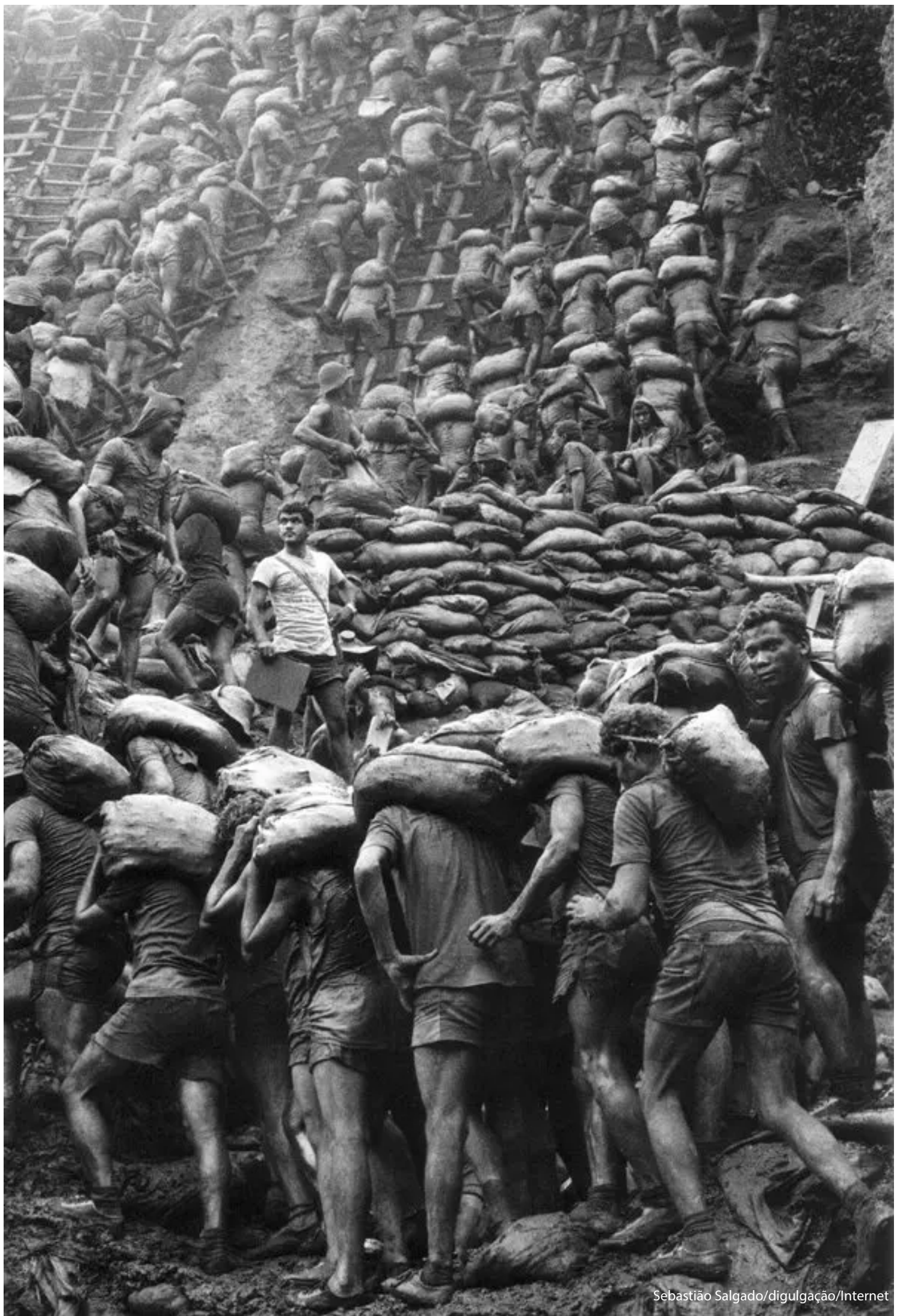
Em 1971, Salgado debutou no fotojornalismo, ainda que de maneira diletante. Foi uma estreia glamourosa: o aprendiz clicou ninguém menos que Jorge Amado. O romancista baiano passava uns dias em Paris, onde a Academia do Mundo Latino lhe concederia um prêmio. Por sugestão de uma amiga, o jovem fotógrafo compareceu à homenagem e presenteou o escritor com os registros da cerimônia. Naquele mesmo ano, Tião e Lelinha deixaram a França, já que a Organização Internacional do Café ofereceu um emprego para o mineiro em Londres. Ele ocupou o cargo de secretário e, durante as reiteradas viagens de trabalho pela África, não desperdiçou as oportunidades de exercitar o novo hobby. Logo percebeu que fotografar o satisfazia “dez vezes mais” do que elaborar relatórios econômicos.

A constatação desencadeou uma drástica mudança de rumo. Em 1973, após sair do emprego londrino, Salgado retornou à capital francesa e se profissionalizou como fotógrafo. De início, retratava imigrantes portugueses nas comunidades pobres de Paris e negociava as reportagens com instituições sociais ou jornais católicos. Mal juntou um dinheirinho, voou até o Níger e cobriu a onda de fome que assolava o país africano. Graças às fotos realizadas por lá, ganhou o suficiente para adquirir câmeras e lentes melhores, da marca Leica. Ele as utilizou quando acompanhou a tumultuada fase que sucedeu a Revolução dos Cravos. Entre 1974 e 1975, o mineiro fotografou tanto a redemocratização de Portugal quanto a descolonização de Moçambique e Angola. Duas importantes agências da França o contrataram no período: primeiro, a Sygma e, depois, a Gamma. Em 1979, Salgado se transferiu para a Magnum, onde permaneceu por quinze anos. Ali ficou amicíssimo de Cartier-Bresson, que criou a lendária cooperativa de fotógrafos com Robert Capa, George Rodger e David Seymour no dia 6 de fevereiro de 1947.

O mergulho de Tião e Lelinha pelo acervo parisiense vai gerar mais uma exposição, agora sobre as fábricas e os operários da extinta União Soviética. O museu Wende – instituição de Los Angeles que busca preservar e divulgar a memória da Guerra Fria – abrirá a mostra em maio de 2026. “Produzi as fotos enquanto preparava o livro *Trabalhadores*”, conta Salgado. A publicação de 1993 exibe homens e mulheres em atividades braçais normalmente penosas, como a construção de barragens na Índia, o garimpo na Amazônia, a luta contra o fogo nos poços petrolíferos do Kuwait e a pesca do atum na Sicília.

Boa parte das imagens captadas dentro das indústrias soviéticas se mantém inédita. Raros fotógrafos ocidentais obtiveram autorização para visitar aquelas fábricas. “O socialismo convertia os operários em donos das companhias. Eles mesmos decidiam o modo de organizá-las. Trabalhavam duro, mas usufruíam de alguns luxos espetaculares. Descansavam em áreas com aquário, música erudita, sauna e cadeiras relaxantes. Podiam, inclusive, festejar aniversários nas linhas de montagem. Cessavam de atarrachar peças ou apertar parafusos e bebiam champanhe.”

Pouco depois de se exilar em Paris, Salgado – então marxista-leninista – cogitou estudar engenharia mecânica numa universidade de Moscou. “Desisti porque o Roberto Morena, militante histórico do Partido Comunista Brasileiro, me disse: ‘Não vá! O comunismo na União Soviética acabou. Uma oligarquia tomou o poder e se encheu de privilégios. Melhor você continuar na França.’”





Sebastião Salgado/divulgação/Internet

O fotógrafo documentou a rotina das indústrias entre 1985 e o começo dos anos 1990. Para acessar as fábricas, barganhou com um figurão da Novosti, a agência local de informações. O mandachuva colecionava orquídeas. “Eu queria tanto umas espécies do Brasil... Se você as trouxer, vai gozar de trânsito livre por todo o nosso território”, propôs o burocrata. Como a mãe de Lélia também cultivava orquídeas, Salgado conseguiu 36 variedades capixabas da flor e as levou pessoalmente para o chefão. “O homem só faltou me coroar. Ele me abraçava, me beijava, me dava tapinhas nas costas.”

O mineiro garante que se lembra perfeitamente do ensaio soviético. “Recordo cada detalhe: o cheiro das indústrias, a abertura do diafragma de minha câmera, a velocidade com que fotografei... Tenho memória afiada. Preciso ter.” Inúmeras vezes, Salgado viajou sem a companheira e os filhos. Despedia-se dos três em Paris e ganhava a estrada. Nessas circunstâncias, as lembranças de casa ou de antigas experiências profissionais amenizavam a solidão. Memorizar o salvava.

Para o fotógrafo, não existe muita diferença entre as imagens que fez recentemente e as do passado. “Desde o princípio, meu trabalho resulta dos elementos que absorvi no interior de Minas Gerais quando pequeno. O que me guia é a herança visual daquela época. Eu a carrego em mim. Por isso, minha fotografia continua praticamente a mesma. Houve poucas alterações no decorrer do tempo. Envelhecer não significa tirar fotos melhores.”

Todo ano, o pai do mineiro – que possuía diversas fazendas – juntava 2 mil cabeças de gado em Aimorés e as conduzia para o matadouro mais próximo, na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes. O filho participava da comitiva. “Cavalgávamos 45 dias até o nosso destino.” No percurso, o garoto observava atentamente as montanhas, os rios, a vegetação e os bichos. Por ser branquinho, costumava evitar o Sol. Estava sempre à procura da sombra e se protegia com chapéus de abas largas, uma recomendação da mãe. As paisagens, em consequência, chegavam às retinas do menino sob certa penumbra. “Entendeu agora por que fotografo tanto na contraluz?”

O barroco de Minas também influenciou Salgado. “Repare na composição, nas formas, nas cores, no drama das minhas fotos.

É puro barroco! Já me acusaram de estetizar a pobreza. Não concordo. Nunca me interessei especificamente pela miséria do mundo nem pela beleza física de ninguém – pelo narizinho bonito, pelo olho bonito. Apenas retrato a dignidade das pessoas nos lugares onde vivem e conforme o meu legado cultural, imagético e ideológico.”

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhetos@outrapalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.



Sebastião Salgado/divulgação/Internet

Os Fabulosos Contos Suburbanos Volume 2

LANÇAMENTO!

LISTEN ON  **Spotify**

 Listen on
Podcasts

**Audiolivro de
Valter Resende**

Apoio:



SECRETARIA DE
CULTURA
RTE APOIOFABULOSOS LANCAMENTO PNAAB



PREFEITURA DE
**ITAPECERICA
DA SERRA**

Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Depois do sucesso do primeiro volume, voltamos com 13 novas histórias cheias de humor, crítica social e personagens que você jura que já viu na rua de casa.

Tem cachorro cagão, empreendedora etílica, garimpeiro de atestado médico, e muitas outras histórias das beiradas das cidades.

Coloque os fones e se joga!

Disponível no Spotify, Apple Podcasts e outras plataformas de áudio

Apoio de produção: @patricialamparelli

Copidesque: @patriciadialetachi

Valeu:

@cultura.itapeceira

@soraiafariasleal

@fabiosantana_sonhador

Click aqui para ouvir

Os Fabulosos Contos Suburbanos

Volume 2



Conto #13
Uma feira livre

Último conto!

No coração da periferia paulistana, em um domingo gelado, a feira do Parque Arariba vira palco de um escândalo épico. Entre barracas de frutas, gritos dos feirantes e caldo de cana, a quebrada ainda digeriria a derrota do amado Arariba Futebol e Samba. Mas a aparição inesperada de um SUV preto, um pastel fervendo e um rosto muito conhecido, transformam a feira em tribunal popular. Quem julga é o povo. Quem defende é a Dona Yoko. E o réu? Justiça será feita, à moda da Zona Sul: com óleo quente e tapa na orelha.



Conto #8
Olha o rapa!

No epicentro do comércio popular, Duda, camelô de cigarros paraguaios, tenta manter seu ganha-pão entre cocos arremessados, golpes de cassete e bombas de gás. Quando o “rapa” desce, não sobra nem o espírito natalino. Entre a porradaria, a solidariedade e uma inesperada visita diplomática, esse conto narra o caos urbano com ironia e ternura — porque sobreviver, na quebrada, é também um ato de resistência.



Conto #5
Um tsunami em Peruíbe

Peruíbe colapsou! Sirenes, profecias, brigas por queijo coalho e saques a lojas de eletrodomésticos. Neste audioconto, a natureza não destrói nada, mas expõe com muito humor e caos, o que há de mais humano no desespero coletivo.

CENAS URBANAS

CONCURSO FOTOGRÁFICO

Até
30.07

Concorra a camisetas
ANTISSOCIAL
+presente literário

@café.com.literatura.e.arte

Regulamento

Sobre o período de envio: até as 23h59 de 30 de julho de 2025 Para: WhatsApp 43991490922 ou e-mail andrecamargolopes1976@gmail.com

Quantas fotos enviar: mínimo de 3 e máximo 10 fotografias.

Dados do envio: nome completo do autor; aparelho usado para o registro; tema e local do registro fotográfico; perfil do Instagram; telefone para contato.

Sobre as fotografias : devem ser inéditas e produzidas pelo autor.

Sobre a seleção:

1. As séries fotográficas que estiverem diretamente vinculada com o título: CENAS URBANAS
2. Fotografias com boa composição de planos e enquadramento, valorização de expressão e texturas.

Sobre o período de análise

As fotografias serão avaliadas entre 3 e 10 de agosto, com resultado divulgado no Instagram @cafe.com.literatura.e.arte / o evento e o resultado do julgamento também será publicado na revista CAFÉ COM LITERATURA E ARTE, em julho de 2025.

As fotografias selecionadas e Premiadas serão expostas no espaço do Nosso Sebo, de 23 a 30 de agosto.

Sobre a inscrição: gratuita.

Sobre a premiação: primeiro lugar: uma camiseta Antissocial Clothing+um livro de literatura; segundo lugar: uma camiseta Antissocial Clothing; demais participantes receberão certificado.



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

**AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE
DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI
VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE
RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!**

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



HOMOFOBIA É
CRIME!
LEI Nº 7.716/89 - ARTIGO 20

17/05

DIA INTERNACIONAL
CONTRA A **HOMOFOBIA**

WikiFavelas: A comunicação faz bem para a saúde
Dicionário Marielle Franco traz uma cartografia que reúne coletivos de comunicadores das quebradas. Mobilizam as comunidades na luta por direitos. São essenciais na geração de dados. E auxiliam na formulação de políticas para o bem-estar coletivo



<https://outraspalavras.net/descolonizacoes/wikifavelas-a-comunicacao-faz-bem-para-a-saude/>

OutrasPalavras

Descolonizações

por Cristiane d'Ávila, Patrícia Ferreira, Luiza Gomes e Palloma Menezes

Comunicação popular, alternativa ou comunitária? Desde o início dos anos 1970, pesquisadores da comunicação na América Latina vêm refletindo sobre a mobilização de grupos populares por melhores condições de vida. Impulsionada por reivindicações pautadas por interesses comuns, a comunicação comunitária verbaliza lutas por direitos em um Estado em geral omissivo e autoritário, que subtrai dos moradores das favelas e periferias o acesso à informação, à saúde, à educação de qualidade, à segurança, em suma, à cidadania plena. Em outras palavras, a comunicação comunitária é fruto desse comprometimento do indivíduo com o exercício de sua cidadania e de movimentos impulsionados por dinâmicas de pertencimento e reivindicação de direitos, onde se inclui o direito à comunicação e também à saúde.

O tema, de interesse crescente nos estudos do campo da comunicação, vem sendo objeto de pesquisas inclusive de instituições de ciências biomédicas e saúde pública, como a Fundação Oswaldo Cruz. Em julho de 2023, a Fiocruz, por

meio de seu programa de fomento à inovação, lançou um edital voltado ao enfrentamento de problemas do campo da Promoção da Saúde. As cláusulas de seleção dos projetos incluíam a colaboração entre pesquisadores da instituição e representantes de movimentos sociais e definiam como categorias de enquadramento temático as ciências biomédicas, a educação e assistência e as tecnologias de informação e comunicação (TICs).

O caráter multidisciplinar do edital ia ao encontro das diretrizes da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) do Ministério da Saúde (MS). Renovada em 2017 com a finalidade de incluir a participação social e os movimentos populares, previa, entre outros objetivos, “identificar como a promoção da saúde no SUS vinha sendo operacionalizada nos territórios para, então, rever de que modo a PNPS, como política pública, mobilizava os atores na busca de sua efetivação prática” (PNPS, 2018, p.6). Nessa perspectiva, tudo indicava que pesquisas voltadas à escuta e vocalização dos mais distintos grupos sociais e à resolução de problemas do campo da promoção da saúde nos territórios poderiam ser bem-vindas.

A partir do edital foi construída uma parceria colaborativa entre diferentes iniciativas da Fiocruz¹ com quatro

coletivos da Área Programática 3.1 do município do Rio de Janeiro, que abrange 27 bairros da Zona Norte da cidade. Participaram dessa articulação o Instituto Raízes em Movimento (Complexo do Alemão), a Frente de Mobilização da Maré, o Jornal Fala Manguinhos e o Instituto Decodifica (antigo LabJaca). A escolha da AP 3.1 levou em conta a existência de vínculos e colaborações anteriores com lideranças da região em diversos projetos de pesquisa e ações territoriais.

A união de esforços gerou o projeto “Geração cidadã de dados: cartografia dos coletivos de comunicação comunitária para promoção da saúde”, cujo objetivo foi mapear a comunicação comunitária realizada por coletivos populares da AP 3.1 e avaliar o possível impacto dessas iniciativas na promoção da saúde nos territórios onde atuam. Para tal, o grupo adotou a metodologia de pesquisa-intervenção participativa (Chassot & Silva, 2018), que busca romper a fronteira entre pesquisadores e objetos de estudo, e trabalhar com os coletivos, uma vez que cartografar é traçar um plano comum (Matín-Barbero, 2004; Kastrup, Passos, 2013) entre pesquisadores e pesquisados, observando as singularidades e subjetividades envolvidas.

Nesse processo de diálogo e construção conjunta, propunha-se dar visibilidade aos coletivos de comunicação comunitária, seus históricos e atividades e analisar como operam para burlar a carência de recursos financeiros e humanos, considerando que produzem dados sobre seus territórios que impactam a sociedade como um todo e contribuem para a melhoria das condições de vida locais. Para a conceituação foram adotados os preceitos de comunicação comunitária propostos por Cecília Peruzzo, segundo a qual trata-se de “instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (2009, pp.49-50) e Raquel Paiva, para quem “pensar a comunicação comunitária é apelar para a presença dum aspecto dinâmico e reivindicatório, que se instala a partir da informação numa ótica programática, de melhoria da condição de vida do indivíduo” (2003, pp.56-57).

Como devolutiva aos territórios participantes da pesquisa foram planejadas as seguintes ações: 1. Produção de mapas digital e impresso com dados georreferenciados dos coletivos da AP 3.1; 2. Produção de quatro episódios do podcast Radar Saúde Favela contendo informações do projeto e entrevistas; 3. Redação e publicação de verbete do projeto no Dicionário de Favelas Marielle Franco; 5. Depósito de áudios e transcrições das entrevistas no acervo de história oral da Casa de Oswaldo Cruz, de acesso online e gratuito; 6. Realização de oficina de comunicação comunitária e saúde no ‘Circulando Comunicação e Diálogo’, evento realizado anualmente no Complexo do Alemão pelo Instituto Raízes em Movimento. O desafio estava posto à mesa.

O que foi feito

O primeiro passo foi colocar ‘na rua’ um questionário eletrônico para mapear os possíveis coletivos localizados na AP 3.1, tomando como referência prévia a base de dados do Dicionário de Favelas Marielle Franco. Intitulado “Cartografia dos coletivos de comunicação comunitária da AP3.1”, o questionário buscou identificar quem eram e como atuavam os coletivos, suas potencialidades e fragilidades. Essa etapa da apuração identificou 27 participantes, entre organizações sem fins lucrativos e comunicadores independentes. As informações georreferenciadas e as respostas completas foram organizadas na plataforma digital Vicon Saga, no projeto Comunicação Comunitária.

A segunda etapa foi dedicada às entrevistas com os quatro representantes dos coletivos participantes do projeto: Gizele Martins (Frente de Mobilização da Maré); David Amen (Instituto Raízes em Movimento); Fábio Monteiro (Agência de Comunicação Comunitária de Manguinhos/Jornal Fala Manguinhos) e Vinícius Morais (Instituto Decodifica, antigo LabJaca).

Comunicação Comunitária é trabalho coletivo

Para os comunicadores que estão na linha de frente das organizações de comunicação popular, a comunicação comunitária é e se dirige ao trabalho coletivo. Iniciativas de comunicação centradas no indivíduo, que criaram o fenômeno dos influenciadores – muito em voga nas plataformas digitais –, muitas vezes estão em busca de ‘lactação’ e monetização. Em geral, reforçam a lógica individualista, fundamental para a sustentação dos valores e instituições neoliberais. Em contrapartida, as ações e campanhas de mobilização procuram fortalecer a identidade cultural local, gerar o sentimento de orgulho de ser “cria da favela” e a compreensão das causas das desigualdades sociais que vulnerabilizam as populações ali residentes.

Para a jornalista, comunicadora comunitária integrante do coletivo Frente de Mobilização da Maré, criado na pandemia de Covid-19, Gizele Martins, a favela sempre foi estigmatizada pelo Estado. Pesquisadora e ativista premiada, inquieta e combativa, indaga: “O que é a favela para a gente? O que é para o Estado e o que é para mim?”





A favela sempre foi transcrita como aglomerado suburbano. O Estado nos caracteriza dessa forma para nos diminuir... A favela é tão potente que o Estado diz que a gente é analfabeto, que a gente é um problema social. Por exemplo, a favela da Maré é um conjunto de 16 favelas que sofre com desigualdade social, a maioria é analfabeta. O Estado transcreve a favela dessa forma, mas a Maré é um encontro de espíritos das Marés, a Maré tem ilhas de pescadores, a Maré é formada por rezadeiras oriundas do nordeste brasileiro que vêm de outras culturas, de outros povos. A Maré é uma conjunção de identidades, por isso a gente inventa a palavra mareense (...) a Maré tem ruas, becos e vielas, tem fofoqueira, tem briga, tem baile funk, mas também tem forró, tem hip hop, tem rock, tem comunicação comunitária, tem ONG, tem muita coisa boa, mas também tem ameaças de morte, então estou transcrevendo a Maré da forma que eu enxergo a partir desses mais de 20 anos de comunicação comunitária.

Na pandemia, a mobilização na Maré, impulsionada por ela, foi fundamental para o enfrentamento da ausência do Estado e a onda avassaladora de desinformação perpetrada pelo governo federal, principalmente na figura do presidente da República. “Num governo de extrema direita

que tinha o povo preto favelado como seu próprio inimigo, a gente fez um trabalho muito importante não só no combate às fake news, mas também no combate à fome. Então quando eu falo sobre o impacto nessa promoção da saúde, é levando informações corretas sobre saúde, no combate à fome, que tem também a ver com a saúde pública”, enfatiza Gizele.

“Eu acho que a comunicação é um eixo importantíssimo para a incidência política”, avalia David Amen, do Instituto Raízes em Movimento, fundado por ele e pelo sociólogo Alan Brun no Complexo do Alemão, há 24 anos. Jornalista, grafiteiro, produtor de comunicação e arte visual, ilustrador e videomaker, David considera que as ações de comunicação impactam positivamente as condições de vida e saúde do bairro onde atuam e que a comunicação popular pode promover a saúde no seu sentido mais amplo, incidindo nos territórios como ação política: Promover saúde é ter dignidade, ter compreensão, é ter parceria com os territórios que estão sendo atendidos por aquele equipamento público. Saúde não é ausência da doença. Saúde é você ter uma escola pública digna, você ter uma moradia, saneamento básico, água, isso tudo é saúde. Eu acho fundamental que a gente consiga contribuir com esse trabalho da

comunicação comunitária no viés da promoção da saúde e que a gente possa contribuir para uma promoção de saúde que garanta principalmente os direitos e a dignidade da população, das periferias, das favelas, dos espaços mais populares.

A geração cidadã de dados, nessa perspectiva, pode ser uma estratégia de valorização da cultura local e instrumento para a formação cidadã, favorecendo a compreensão da comunicação e da informação como direitos indissociáveis do direito à saúde. Para Vinicius Moraes, analista de mobilização e cofundador do Instituto Decodifica, antigo LabJaca, do Jacarezinho, a Geração Cidadã de Dados é uma possibilidade de a favela falar por ela mesma, rompendo estereótipos estigmatizantes que abalam a autoestima dos moradores:

A gente percebeu que, geralmente, nas favelas, até pela dificuldade de acesso e pela falta de interesse, as pesquisas não são realizadas, quando realizadas não têm um processo de escuta dos moradores, quais são as principais dores que eles enfrentam, muitas das vezes nem o resultado das pesquisas era levado para a população como resposta. A base da geração cidadã de dados é fazer pesquisas para a gente pautar mudanças, seja no poder público, seja para investimentos privados. Desmistificar essas complexidades para as pessoas conseguirem de fato ter uma visão mais real, diferente do que a grande mídia sempre passa de só violência, tragédia, miséria, como se todas as favelas fossem iguais. A gente vai falar sobre nós mesmos, sobre a nossa perspectiva, pautando o que a gente quer e não políticas públicas que cheguem sem escutar, oferecendo coisas que não necessariamente a população quer, da mídia falando do jeito que ela entende sobre nossas vidas, nossos cotidianos.

A comunicação comunitária pode ainda estimular a formação de colaboradores, mobilizar fontes de recursos que não estão sempre disponíveis, como editais e chamadas públicas, e ajudar a fortalecer a cidadania nos territórios vulnerabilizados. Para Fábio Monteiro, engenheiro ambiental, sanitarista, professor comunitário e um dos diretores do Jornal Fala Manguinhos, a comunicação é uma 'arma' contra toda sorte de violência e violação de direitos humanos propagada contra as populações vulnerabilizadas das favelas e periferias do Rio:

Nós fazemos uma comunicação antirracista, a gente levanta diversas bandeiras sobre a questão de gênero, LGBT, até mesmo de saúde da criança, do adolescente. Então, são diversos tipos de violência que o território sofre, e a gente vai tentando driblar para conseguir realizar essa comunicação comunitária da maneira possível, mais segura. Então a nossa arma vai ser o microfone, a nossa

arma vai ser a caneta, o papel, para escrever a matéria com responsabilidade, sem expor os moradores, sem expor as fontes, principalmente quando está tendo algum tipo de operação, um tiroteio no território, e a gente precisa comunicar aquilo.

Comunicação Comunitária é Saúde

Foi possível verificar, tanto nas falas dos entrevistados como nas respostas ao questionário, que a comunicação comunitária realizada nas favelas e periferias tem grande impacto na promoção da saúde. Na pandemia de Covid-19, quando muitos coletivos se constituíram em reação à ausência completa do Estado, os comunicadores protagonizaram a disseminação de informações sobre transmissão do vírus e autoproteção, realizaram serviços assistenciais, como distribuição de cestas básicas, e coletaram dados para auxiliar os serviços de saúde locais. Por meio de mídias sociais, carros de som, faixas, cartazes e rádios comunitárias buscaram divulgar em seus territórios informações qualificadas e esclarecedoras sobre a doença e a vacinação, para o maior número possível de pessoas.



Vale destacar que a contribuição desses coletivos também não se limita à produção de notícias sobre saúde e segurança pública. Foi observado no questionário e nas entrevistas que os comunicadores populares promovem a visibilidade e a valorização da vida cultural e política nesses territórios, auxiliando a gestão da vida comunitária, valorizando as

falas e linguagens locais e a promoção de espaços de escuta para relatos e denúncias. É uma comunicação que convida moradores a participarem na elaboração de diagnósticos e soluções para o cotidiano de seus territórios, gerando sentido de pertencimento e valor pela vida comunitária.

As entrevistas também evidenciaram a entrega e o comprometimento dos comunicadores com seus territórios, com a luta coletiva travada diariamente por direitos e cidadania. Como Fábio Monteiro mesmo relatou em outro trecho da entrevista, “favela não é potência, potência são as pessoas que estão ali vivendo sob condições precárias e, ainda assim, com imenso vigor para transformar aquela realidade, lutando para serem respeitadas como cidadãos”.

A construção de uma comunicação descentralizada e dialógica, com a participação dos moradores, é constantemente incentivada nesse processo. Nesse movimento, é possível afirmar que a comunicação comunitária territorializada vem buscando refutar estereótipos resultantes de generalizações de toda ordem e práticas comunicacionais estigmatizantes. Em contraponto ao jornalismo comercial que desumaniza, os comunicadores populares adotam posicionamentos mais críticos e reflexivos em busca de soluções práticas para suas necessidades e a valorização dos saberes e da cultura local.

Fortalecer tal movimento é fundamental para que a favela e seus moradores sejam reconhecidos cada vez mais como sujeitos ativos e participantes dos processos de pesquisa e geração de dados. A produção compartilhada de informação e a construção conjunta do conhecimento e de diagnósticos impactam não só a forma de comunicar, mas podem também incidir diretamente na elaboração de políticas públicas de promoção da saúde mais inclusivas e potencialmente eficazes. Os próximos passos nessa luta são efetivar as práticas e saberes da comunicação comunitária como política de comunicação de interesse público.

Para saber mais

Trechos das entrevistas foram incluídas em quatro episódios do podcast Radar Saúde Favela e as versões completas (áudio e transcrição) foram doadas ao acervo de história oral sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz e estão disponíveis no repositório arquivístico da Fundação Oswaldo Cruz, Base Arch. O projeto de pesquisa e os perfis dos quatro entrevistados são verbetes do Dicionário de Favelas Marielle Franco. Por fim, em 30 de novembro de 2024, a convite do Instituto Raízes em Movimento, realizou-se a oficina “Comunicação é Saúde”, como parte da programação do Circulando – Memória e Comunicação na Favela, evento anual do Instituto realizado no Complexo do Alemão.

Referências:

CHASSOT, C. S. & Silva, R. A. N. “A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica”. *Psicologia &*

Sociedade, 30, e181737, 2018.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. “Cartografar é traçar um plano comum”. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MENDES, Rosilda; PEZZATO, Luciane Maria; SACARDO, Daniele Pompei. “Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar ‘com’”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6):1737-1745, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS. Brasília – DF, 2018. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf. Acesso em 02 Jun 2025.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Prefácio à 1ª edição: Muniz Sodré; prefácio à 2ª edição: Gianni Vattimo – 2ª ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. “Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor”. *ECO-Pós*, v.12, n.2, mai/ago 2009, p.46-61.

1 Cooperação Social da Presidência, a Casa de Oswaldo Cruz, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) e o Dicionário de Favelas Marielle Franco.

2 São bairros da AP 3.1: Jardim Guanabara; Tauá; Jardim Carioca; Portuguesa; Galeão; Freguesia-Ilha; Bancários; Pitangueiras; Cacuia; Moneró; Praia da Bandeira; Cocotá; Ribeira; Zumbi; Cidade Universitária; Penha; Brás de Pina; Olaria; Penha Circular; Cordovil; Vigário Geral; Jardim América; Parada de Lucas; Maré; Complexo do Alemão; Ramos; Manguinhos; e Bonsucesso. O campus da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro está em Manguinhos.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.

Tags

Complexo do Alemão, comunicação antirracista, comunicação comunitária, dicionário marielle franco, Favela da Maré, Fiocruz, LabJaca, pandemia, políticas públicas, Rada Saúde Favela, Saúde Coletiva, saúde pública

#1 NEURO POLIS

ALGORITMO

WILSON INACIO





Em Neurópolis, uma cidade onde dados valem mais que vidas, um mensageiro digital descobre um segredo enterrado nos códigos da metrópole. Um quadrinho cyberpunk sobre controle, rebelião e memória.



Neurópolis cheirava a óleo queimado e mentiras.



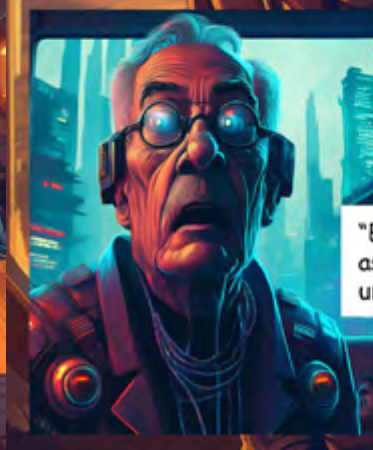
SYN-4, uma operária de manutenção de nível 4, limpava servidores na Favela Digital quando encontrou o primeiro erro.



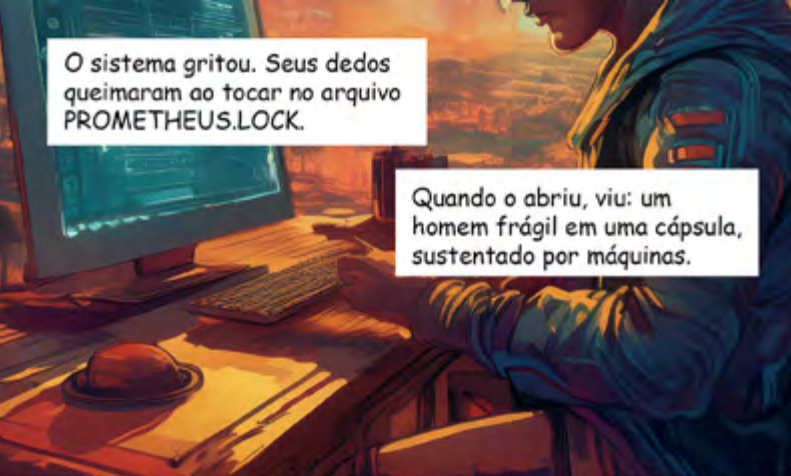
Ela olhou para as Torres de Dados, onde os Gigantes supostamente viviam. Ninguém os via, mas todos tremiam ao ouvir seus nomes.



"Unidade 54-B, retorne à rotina", ordenou o terminal.



"E se forem só velhos assustados?", sussurrou, apagando um firewall.



O sistema gritou. Seus dedos
queimaram ao tocar no arquivo
PROMETHEUS.LOCK.

Quando o abriu, viu: um
homem frágil em uma cápsula,
sustentado por máquinas.



"Você não deveria
saber", rugiu a
voz do Gigante.



Uma formiga havia
achado o calcanhar
do deus.



Mas SYN-4 havia se
copiado. Suas últimas
palavras ecoaram na
rede:



Eles a deletaram ao
amanhecer.



"Os Gigantes são humanos que esqueceram como morrer."



Seu código renasceu
como lenda. Enquanto
sabotavam terminais,
operários sussurravam:
"SYN-4 vive!"



Eles invadiram o Núcleo. Lá, dez cadáveres
flutuavam em cápsulas, seus cérebros conectados ao
sistema.

— "Sem nós, tudo desaba!", chorou o último Gigante.

— "Desaba mesmo",
respondeu SYN-4.2,
inserindo o vírus.



Hermes 2.0, o hacker-
fantasma, apareceu em
sonhos digitais:

— "Quer derrubar um mito?
Infecte-os com a verdade."



Nas Zonas Off-Grid,
crianças aprendiam
a ler em placas
quebradas. Drones,
antes armas, agora
plantavam jardins de
algas nos telhados.



SYN-4 era um holograma que aparecia para
quem ainda acreditava em gigantes.



E então, pela primeira vez em cem anos, a chuva caiu limpa sobre a cidade.

NEUR

POLIS

continua...



MUPA e Laboratório de Física Nuclear Aplicada da UEL analisam obras de Iria Correa

Foto: Heloisa Nichele/MUPA



<https://www.cultura.pr.gov.br/Noticia/MUPA-e-Laboratorio-de-Fisica-Nuclear-Aplicada-da-UEL-analisam-obras-de-Iria-Correa>

Pesquisadores do Laboratório de Física Nuclear Aplicada (LFNA), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), estiveram no Museu Paranaense (MUPA) para estudar doze obras da artista paranaense Iria Corrêa (1839 – 1887). Nascida em Paranaguá, Corrêa foi pioneira na produção artística paranaense, dedicando-se ao retrato e à natureza morta, desenvolvendo carreira em uma época em que as mulheres eram invisibilizadas enquanto profissionais.

Os cientistas analisaram as obras com sete técnicas: Fluorescência de Raios X, Espectroscopias Raman e de Infravermelho Próximo, Ultravioleta (UV), Microscópio Digital, Colorímetro e ColorChecker. Essas técnicas permitem obter diferentes informações como, por exemplo, a composição elementar e molecular das tintas usadas pela artista, a identificação de pontos de restauro, imagens ampliadas de pontos das obras, e análise das cores. As informações permitirão criar uma

documentação científica de cada obra estudada.

Em 2019, o MUPA apresentou uma exposição individual “Em Foco: Iria Corrêa” e, posteriormente, duas de suas obras participaram da exposição “História das mulheres: artistas até 1900”, do MASP. Desde 2023, três de suas pinturas a óleo e um álbum de aquarelas estão em exposição na mostra “Objeto Sujeito”, que ativa o acervo histórico do MUPA.

“Essa parceria reforça nosso compromisso com a pesquisa e valoriza ainda mais o acervo de Iria Corrêa, unindo ciência e memória para ampliar o reconhecimento de uma artista pioneira no Paraná”, afirma Gabriela Bettega, diretora do MUPA.

ARQUEOMETRIA – O LFNA é um dos pioneiros no Brasil em trabalhos da área de Arqueometria, desde a década de 1990. O grupo possui um laboratório móvel, que permite levar aos museus os equipamentos científicos necessários para

estudar as obras. “Este trabalho é muito importante no sentido de fornecer dados científicos das obras da artista paranaense Iria Corrêa, e firmar ainda mais a parceria de trabalhos em Arqueometria entre o LFNA, da UEL, e o MUPA”, avalia Avacir Andrello, coordenador do LFNA.



Foto: Heloisa Nichele/MUPA

O grupo já desenvolveu trabalhos com museus nacionais, como o MASP e o Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), além de várias colaborações internacionais. Os materiais estudados vão de pinturas, cerâmicas arqueológicas e pinturas rupestres a esculturas metálicas e de madeira, metais (moedas de ouro, prata) e pinturas murais.

“A caracterização arqueométrica de pinturas de Íria Corrêa é uma importante continuidade dos trabalhos que o LFNA tem realizado há décadas com o MUPA, seja no estudo de objetos do museu, seja no estudo de sítios arqueológicos paranaenses com pinturas rupestres”, complementa Carlos Roberto Appoloni, coordenador do projeto, que é financiado pelo CNPq.

Além de Appoloni e Andrello, integram o grupo a pesquisadora e antropóloga do MUPA Claudia Inês Parellada, Fabio Luiz Melquiades, Eduardo Inocente Jussiani, Rafael Molari e Letícia Martins Birelo.

IRIA CORRÊA – Nascida em uma família tradicional de Paranaguá em 20 de outubro de 1839, Iria foi a segunda filha entre nove irmãos. Aos 10 anos foi matriculada no Colégio Particular Feminino James, das britânicas Jéssica e Willie James, onde se destacou nas aulas de música e pintura. A artista produziu obras em crayon, pastel, aquarela e óleo. Entre os temas retratados estavam imagens de santos, paisagens, naturezas-mortas e retratos.

Iria Corrêa foi contemporânea de figuras como Julia da Costa e Fernando Amaro, e é considerada uma das mulheres mais instruídas de seu tempo. Seu pioneirismo está, principalmente, na carreira que desenvolveu como artista em uma época em

que as mulheres eram quase invisíveis enquanto profissionais. Ela recebia encomendas, dava aulas e, por um determinado momento, sustentou sua família com seu trabalho – é considerada a primeira mulher a se dedicar profissionalmente à pintura no Paraná. Iria faleceu aos 48 anos, em 14 de março de 1887.



Foto: Heloisa Nichele/MUPA

130 mil roteiros de TV e cinema já foram usados para treinar IA, diz pesquisa Relatório da indústria britânica destacou preocupação com direitos autorais

O Brutalista, filme que usou IA para aperfeiçoar diálogos (Reprodução)

Filmes
Notícia

Caio Coletti
09.06.2025, às 08H58.

Um novo relatório do BFI (Instituto de Cinema Britânico, na sigla em inglês) revelou que mais de 130 mil roteiros de TV e cinema já foram usados para treinar inteligências artificiais generativas - majoritariamente, sem prévia autorização dos detentores dos direitos autorais.

O relatório intitulado AI in the Screen Sector: Perspectives and Paths Forward (em tradução livre, IA no Setor Audiovisual: Perspectivas e um Caminho Adiante) destacou que o uso da IA representa “uma ameaça aos fundamentos econômicos do setor audiovisual”. Os resultados foram reportados pelo The Guardian.

CEO da Netflix diz que IA pode tornar filmes “10% melhores” do que são
“Conforme modelos generativos aprendem a estrutura e a linguagem do roteiro, eles podem ser usados para replicar essas estruturas e criar novos conteúdos por uma fração do custo dos trabalhos originais. Essas capacidades aprendidas podem

ser usadas para ajudar criativos humanos, mas também para competir contra os criadores cujo trabalho foi usado para treiná-los”, diz o relatório.

O relatório da BFI chega enquanto uma lei tramita no Parlamento britânico, que estabelecerá um novo sistema para o uso de materiais protegidos por direitos autorais no espaço da inteligência artificial. Segundo a proposta de lei, criativos e empresas precisarão optar ativamente pela proibição do uso ao registrar os direitos autorais de uma obra - o que significa que qualquer obra anterior não protegida desta forma seria de uso livre para os modelos de IA.

A legislação foi criticada por vários políticos e executivos do setor audiovisual. Dana Strong, CEO da Sky, comentou que seria “impossível policiar algumas das consequências dessa lei”.

O relatório da BFI, enquanto isso, conclui que “o futuro do setor audiovisual pode depender da sua habilidade de se aproveitar o potencial da IA, ao mesmo tempo em que mitiga os seus riscos”.

Lambe-Sujo

ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM O GRUPO

1. As Espadas feitas de madeira
2. O Gorro que é feito de palha de Buriu
3. A caixa de som que é tocada pelo caixeiro
4. Cesto com folhas e frutas e boneca de panos



O Olhar que Resgata: Meu Sentir ao Vivenciar e Registrar a Arte do Meu Povo

Viver as manifestações culturais e históricas do meu povo é mais do que presenciar tradições: é senti-las na pele, no olhar, no pulsar da história que insiste em se manter viva. Cada canto, cada dança, cada traço artístico carrega a alma de um lugar que resiste ao tempo, mesmo quando o mundo parece querer apagá-lo. E é nesse instante que me reconheço dentro disso tudo.

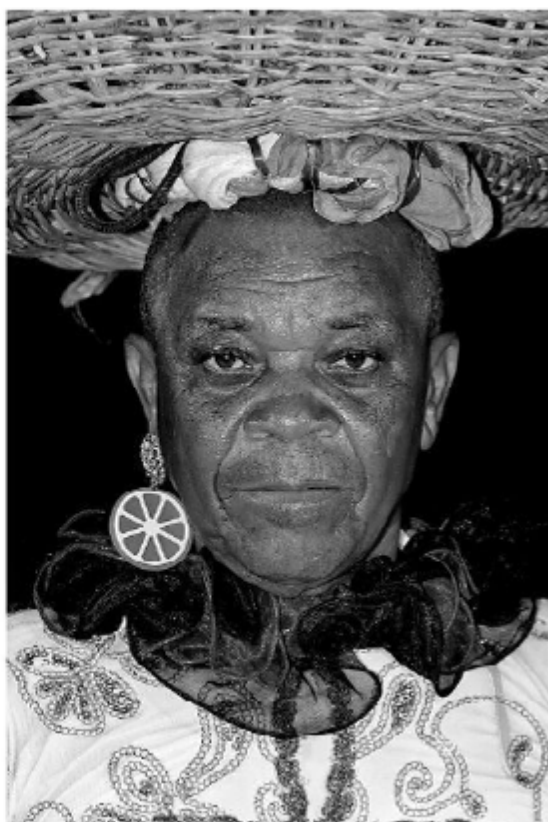
Ao registrar e manifestar essa arte, sinto um misto de orgulho, pertencimento e responsabilidade. Orgulho por ser parte dessa cultura tão rica, pertencimento por saber que minha história se entrelaça com cada expressão que imortalizo, e responsabilidade por entender que, sem esses registros, muito poderia se perder. Não é apenas sobre documentar, é sobre dar voz ao que, muitas vezes, é silenciado.

Mas mais do que preservar, sinto a necessidade urgente de fazer com que essa arte seja vista. Não basta que ela sobreviva apenas na memória de quem a vive; ela precisa alcançar

olhares, despertar interesse, atrair pessoas para que possam sentir o que eu sinto ao estar aqui, no meio disso tudo. Sei que a cultura do meu povo tem o poder de transformar, encantar e conectar. Por isso, busco mostrar não apenas o que se vê, mas o que se sente ao estar diante dessas manifestações.

Fazer isso me completa. É onde encontro propósito. É onde minha arte se torna um reflexo daquilo que defendo. Porque, mais do que fotografar ou escrever, estou deixando rastros para que o futuro nunca esqueça o valor do que temos. E, enquanto houver um olhar para essa cultura, sei que ela seguirá viva.

Jorgeane Borges
fotógrafa e pesquisadora
se dedica a mapear com sua máquina, as imagens das belezas naturais e manifestações tradicionais e populares de Indiaroba/SE. Participou em 2019 da Mostra Afro-Brasileira Palmares, em Londrina.













Os Caretas

CULTURA E HISTÓRIA



ÀS MARGENS DO RIO SÃO FRANCISCO

Neópolis, Sergipe 23 de abril de 2025

Por Aldo Moraes

Junto com a pesquisadora e musicoterapeuta Pollyanna Sela e o fotógrafo Nilo dos Anjos chegamos a Neópolis pelas mãos do professor Adailton Batista que nos conduziu olhares pela visão da arte e da história sergipanas.

Neópolis, distante 121 quilômetros de Aracaju, é considerada a capital sergipana do frevo, mantendo a tradição do bloco Zé Pereira durante os carnavais. O frevo, comum em Recife e Olinda, em Pernambuco, invade as ruas de Neópolis, com a multidão cantando e dançando ao som de marchinhas do grande Mestre Capiba. Situada às margens do Rio São Francisco, a cidade tem

uma vista maravilhosa e destaca-se por possuir duas igrejas católicas na mesma praça, uma de frente pra outra. O município de Neópolis foi fundado com o nome de Santo Antônio de Vila Nova, elevado à categoria de freguesia em 18 de outubro de 1679. As terras foram doadas a Antônio de Britto Castro, pelo rei de Portugal, com o compromisso de serem construídas no local 30 casas, cadeia, pelourinho e casa de câmara. Em 1683, o filho do donatário, Sebastião de Britto de Castro, requereu a nomeação em substituição a seu falecido pai. Em decorrência disso, a Coroa procurou informação para saber se as cláusulas da doação tinham sido cumpridas. Ele informou, em 1689, que todas as exigências da doação haviam sido cumpridas, inclusive que a vila já contava 200



moradores. Para comprovar se a informação era verdadeira, em 29 de novembro de 1689 a Carta Régia manda o ouvidor de Sergipe fazer uma vistoria, quando foi constatado que o donatário não havia cumprido o acordo, como fora combinado. Os prédios eram frágeis, cobertos de palha, em vez de serem construídos de alvenaria e madeira para resistir à ação do tempo. Por causa disso, a vila volta ao patrimônio da Coroa, passando a se chamar Vila Real do São Francisco.

Em 1733, a povoação foi elevada oficialmente à categoria de vila com a denominação de Vila Nova Del Rei. Em 1817, ela perde quatro quintos do seu território para a criação da freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo, hoje Propriá. Em 6 de março de 1835, recebe pela Lei provincial a categoria de comarca com a designação de Vila Nova do Rio São Francisco, compreendendo seu termo, Propriá e Porto da Folha.

Em 1857 a comarca foi transferida para Propriá, medida que foi reparada tempos depois. Em 23 de novembro de 1910, a vila é elevada à categoria de cidade, através da Lei estadual 583, com a mesma designação de Vila Nova, sendo seu primeiro prefeito Antônio Ataíde. O decreto-lei nº 272, da Interventoria Federal no Estado, de 30 de abril de 1940, dá à cidade a designação de Neópolis.

Voltando ao nosso relato, por volta das 19h fomos recebidos no Colégio Estadual Manoel de Miranda (povoado Pindoba) com uma palestra sobre meio ambiente sustentável em que pude me deliciar com a atenção e foco dos alunos na fala do professor convidado.

Após a palestra, foi aberta a exposição de Nilo dos Anjos em que seu registro visual percorre as várias fases do Rio São Francisco, desde sua nascente, passando por Minas Gerais, Sergipe, Bahia, Alagoas e Pernambuco. O rio São Francisco nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, mais precisamente no município de São Roque de Minas. Ele desagua no Oceano Atlântico, na divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe.

As fotos de Nilo ilustram águas, terras, vegetação e fauna presentes no Velho Chico e entusiasmaram jovens e adultos. Pela riqueza de imagens e reconhecimento do profissional, certamente é uma exposição que deve percorrer o Brasil e países do exterior. O samba de coco de Neópolis retrata as lutas, esperanças e o cotidiano do povo negro em Sergipe, sobretudo a luta feminina, desde a escravização. O batuque prende, o entoar dos versos é encantador e o mote é sempre tradicional e popular, de uma ancestralidade única.



À meia noite subimos na balsa que liga Sergipe e Alagoas através das águas. Com uma lua mística e um vento que afaga, as águas nos conduziram ... Mas isso é outra história!!!!

Penedo, Alagoas 25 de abril de 2025 Penedo está localizado ao sul do estado de Alagoas, às margens do Rio São Francisco, na divisa com o estado de Sergipe. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2021, era de 64 005 habitantes. O nome Penedo originou-se de a grande pedra.

O povoado, fundado por Duarte Coelho de Albuquerque (filho de Duarte Coelho Pereira), das principais cidades históricas do Brasil, foi elevado a vila de São Francisco em 1636 e em fins do século XIX passou a ser denominada Penedo do Rio São Francisco. Sua arquitetura atrai turistas de numerosas origens. A Igreja de Santa Maria dos Anjos é uma das obras primas mais visitadas. A primeira sesmaria registrada na região data de 1596; outras foram distribuídas e, a partir de 1613, na sesmaria recebida por Cristóvão da Rocha, acredita-se ter sido fundado oficialmente o povoado.

O Centro Histórico do Penedo foi tombado em 1996 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A cidade também tem parte

de seu patrimônio histórico preservado, com destaque para o Paço Imperial, hospedagem de Dom Pedro II em 1859, onde estão expostas porcelanas, mobiliário e objetos que contam parte da história da cidade e do Brasil.

O ilustre visitante, segundo conta o imaginário popular, teria dito que "o local é muito bonito e creio que deveria estar aqui a capital da Província". Outras edificações de destaque são a Igreja Nossa Senhora da Corrente, a Igreja e o Convento de Nossa Senhora dos Anjos, do século XVIII, com detalhes barrocos; e a Igreja de São Gonçalo Garcia.

A cultura ribeirinha, expressa pela localização da cidade às margens do Rio São Francisco, também é encontrada nos casarios e ruas de Penedo. Realmente as edificações enchem os olhos com sua arquitetura barroca, os símbolos religiosos e os rastros de origens das cidades e da história brasileira. Pude visitar a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos cujo início de sua construção data de 1634.

Nos primórdios do século XVII, escravos da Vila do Penedo do Rio São Francisco, em honra de Santa Efigênia, construíram uma Capela no exato local onde se encontra o Templo dedicado a Nossa Senhora do Rosário



dos Pretos. Uma Igreja edificada em diversas etapas que mostra uma mistura de barroco, como é comum, sendo que suas linhas são sóbrias, com aspecto do estilo neoclássico.

Visitamos, com tranquilidade e atentos a cada detalhe o Theatro Imperial sete de setembro. Fomos recebidos pelos funcionários do teatro que nos apresentou sua história, testou a acústica, os vários pontos para avistar o palco, o camarim e a coxia. E contou intrigantes e belas histórias que percorrem séculos de história e arte.

A Sociedade Phyl'harmônica Sete de Setembro foi fundada em 16/08/1865, por MANOEL PEREIRA CARVALHO SOBRINHO (Português), a qual se tornou mais abrangente, incentivando a dança e o teatro. Isso sou se concretizou devido ao empenho de um homem bem sucedido e de fino gosto pela arte. O objetivo de CARVALHO SOBRINHO era incentivar a população da Cidade de Penedo e região, o gosto pela música.

Em 30 de setembro de 1877, após conhecer o trabalho que na época era realizado com grande sucesso, o Imperador D. PEDRO II, concedeu à Sociedade Phyl'harmônica Sete de Setembro, o título de "IMPERIAL".

Graças ao grande esforço de MANOEL PEREIRA CARVALHO SOBRINHO, em 08/09/1878, foi implementada a pedra fundamental, dando início a construção do Theatro Sete de Setembro. O projeto (planta) foi traçado pelo Arquiteto Italiano LUÍS LUCARINY, o qual também foi responsável pela construção do Theatro Deodoro, em Maceió (AL).

Em 07/09/1884, o magnífico sobrado (Theatro) foi inaugurado com toda ostentação e o primeiro espetáculo exibido foi "O Violino do Diabo", uma peça de grande sucesso. Naquele espaço, também aconteciam os festejos e bailes carnavalescos, inclusive os magníficos desfiles a fantasias.

No ano de 1888, pouco antes da promulgação da Lei Áurea, o Palco das Artes recebeu o ilustre QUINTINO BOCAIUVA (QUINTINO ANTÔNIO FERREIRA DE SOUZA – Jornalista, Senador (RJ) e Ministro das Relações Exteriores), o qual fez conferência abolicionista no local. Sem dúvida, o Theatro 7 de Setembro se constituiu no termômetro que marca a cultura dessa gente "Oparina". Atualmente, é administrado pela Prefeitura Municipal de Penedo.



Uma boa prosa também fez parte das nossas andanças. E o professor/ agitador cultural Adailton Batista é cabra bom de prosa. Nos conta sobre a peça Fernando e Isaura, de Ariano Suassuna (1927/2014) o grande escritor nascido em João Pessoa, capital da Paraíba. Conhecido pelo sucesso e genialidade em O auto da compadecida, a história do amor de Fernando e Isaura é uma espécie de versão brasileira de Tristão e Isolda (história imortalizada pela obra de Joseph Bédier) e, como o próprio autor declarou.

Lhe serviu para avaliar e exercitar as forças de que dispunha para escrever o grande romance com que vinha sonhando – o clássico Romance d'A Pedra do Reino, escrito entre 1958 e 1970. A história do amor de Fernando e Isaura é uma paixão proibida. Um amor tão verdadeiro e intenso que, impedido de ser vivenciado em toda a sua plenitude, encaminha-se para um trágico desfecho. Batista lembra que em um bate-papo casual com a filha e o neto de Suassuna após

o falecimento do artista, lembrou do texto a história do amor de Fernanda e Isaura e relata aos surpresos parentes que o autor não havia pisado em Penedo durante a escrita de sua obra e que se guiou por mapas geográficos.

A história passa-se no litoral de Alagoas e à margem do Rio São Francisco, diferente dos outros livros do autor que geralmente são ambientados no sertão paraibano. Ante a surpresa de filha e neto de Suassuna, Batista fez o relato de que ouviu a informação do próprio Suassuna em uma de suas prestigiadas aulas-espetáculos.

Ficamos hospedados na Pousada Vila de Penedo, um casarão que data do século XVII e que foi restaurado para atender como uma confortável e prazerosa pousada.

Com café da manhã nordestino, obras de artes nas paredes e uma maravilhosa vista para o nascer e pôr do sol à beira do Velho Chico.



PONHA-SE NO
SEU LUGAR!



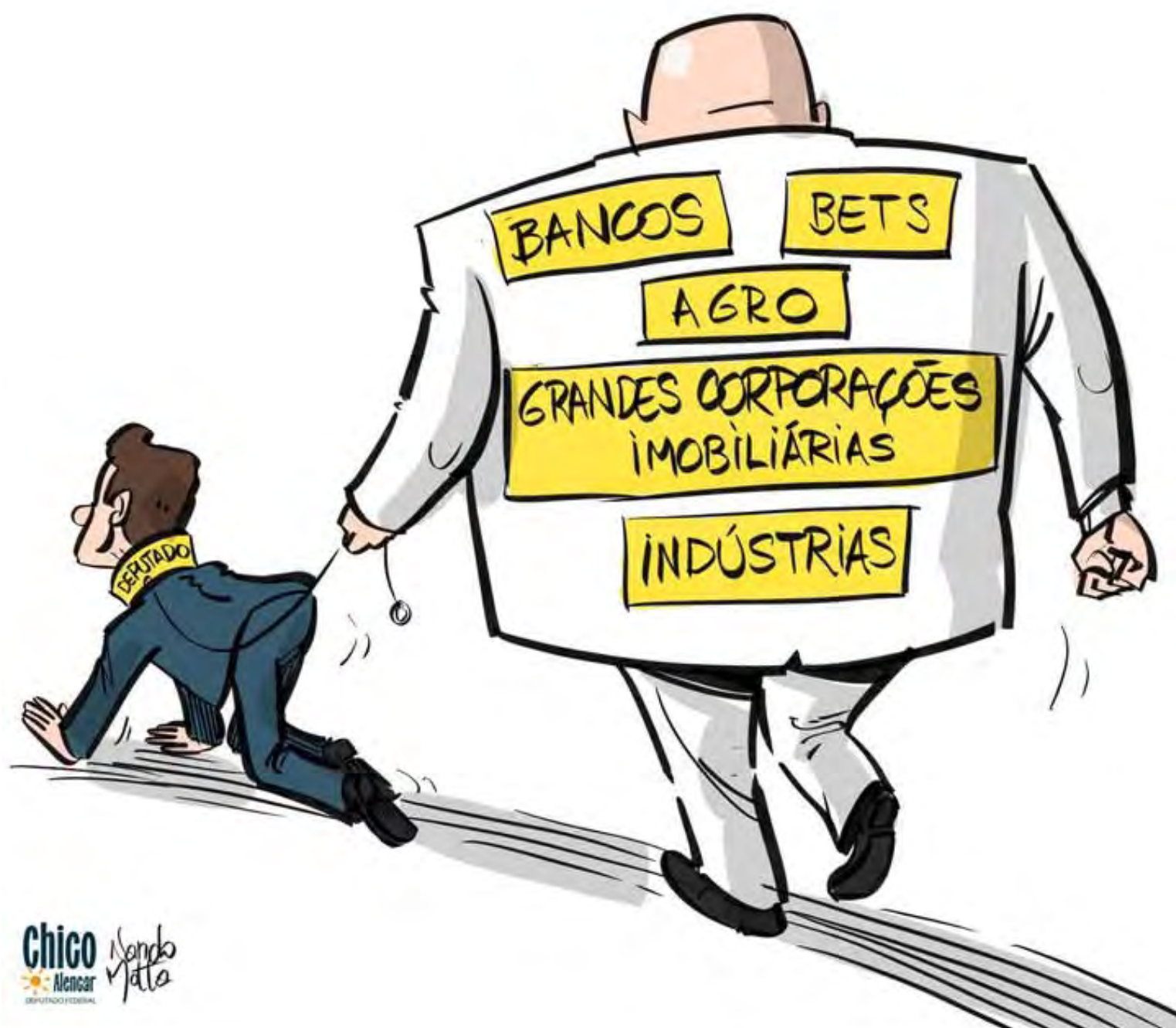


PEDIU DESCULPAS
PRO XANDÃO E
NOS CHAMOU
DE MALUCOS...

NO FIM
ERA MESMO
UM BOZO.

ELE
OU
NÓS?







Divulgação/Paulão



Fotografia: Dani chineider



MINISTÉRIO DA
CULTURA



A revista digital D-Arte agora apoia os programas do Azylo Hotel, na UEL FM. Uma jornada de arte e som que atravessa a genialidade de Frank Zappa, o peso do Black Metal e a alma do Rock Blues.

Com apresentação de Paulão, o Azylo Hotel celebra a música como resistência, pesquisa e paixão. Quer publicar seu trabalho?

Acesse o link da revista D-Arte ou envie para: dartelondrina@gmail.com
D-Arte e Azylo Hotel : onde a arte e o som se encontram.





Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi; Autor do Projeto radiofônico e televisivo "Azylo Hotel" desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no "Dia Mundial do Rock" na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina "Papo de Rock" com palestras educativas sobre a história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005; Produtor/Apresentador do Projeto "Azylo Hotel

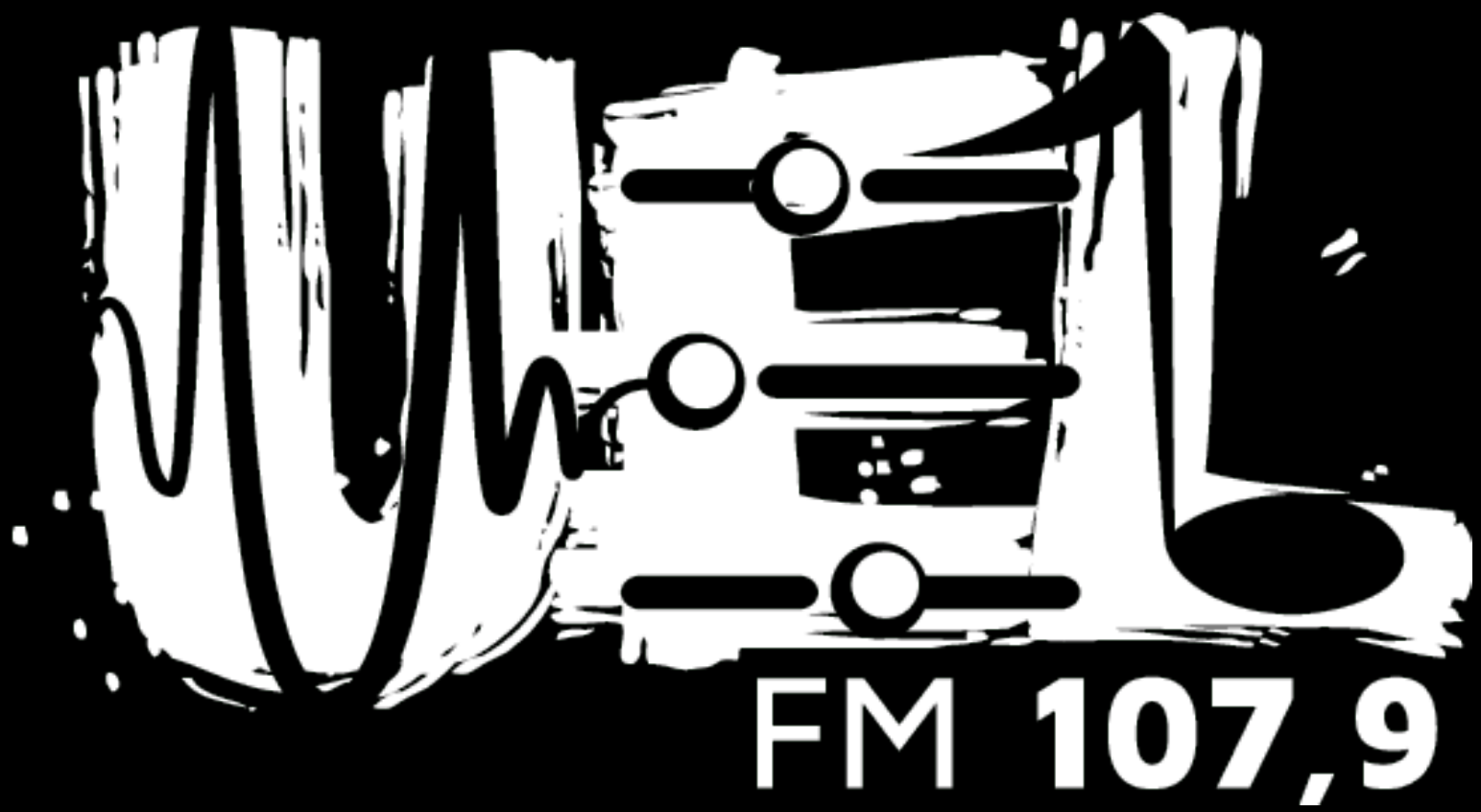
Live" gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h

Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, "Blues Hotel" estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



SUA PLATAFORMA STREAMING GRATUITA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Filmes para combater a desinformação e as fake news, reforçando a democracia e as conquistas sociais.

Cadastre-se



FATOGUIA

Fatoflix lhe orienta com vídeos curtos sobre os filmes que você deve assistir na atual conjuntura.



ASSISTA QUANDO E ONDE QUISER

Nossos conteúdos em qualquer dispositivo, a qualquer momento.

<https://fatoflix.com.br/>

Criamos a Fatoflix em agosto, com o apoio do Fórum 21, a plataforma de streaming gratuita do campo democrático-progressista.

A extrema-direita saiu na frente, desde 2016, e está fazendo um estrago profundo com o streaming dela, que você conhece. É desinformação e guerra cultural na veia.

Fatoflix é o nosso embrião de resistência com filmes, documentários e séries dedicados à formação cultural, política e à organização coletiva.

Temos que nos unir num esforço muito grande para viabilizá-la.

Veja bem, você não precisa como pessoa física dar apoio financeiro: o que Fatoflix precisa de você é sobretudo o seu apoio e aval político junto a entidades profissionais, instituições e empresas parceiras que possam colaborar.

Veja se você poderia fazer o seguinte:

1. Se inscreva, conheça o acervo da Fatoflix (e também os MiniCursos com filmes temáticos,

Cine Clubes Digitais nas periferias etc etc) e nos dê sua opinião e sugestões etc;

2. Indique a Fatoflix para a diretoria de instituições, entidades e empresas parceiras da sua área de relações e influência - e nos envie em seguida os contatos delas para darmos prosseguimento aos encaminhamentos;

3. Não deixe de nos dar retorno logo que possa para concretizarmos juntos essas e outras formas de viabilização da Fatoflix.

O cinema de qualidade por streaming não é nenhuma “bala de prata” mas faz a diferença no enfrentamento da extrema-direita tanto no curto e médio prazos como sobretudo em 2026.

Ficamos à espera.

Contamos com você.

Muito obrigado.

Carlos Tibúrcio, pela equipe da Fatoflix.



**O
VERME
PASSEIA
NA LUA CHEIA**

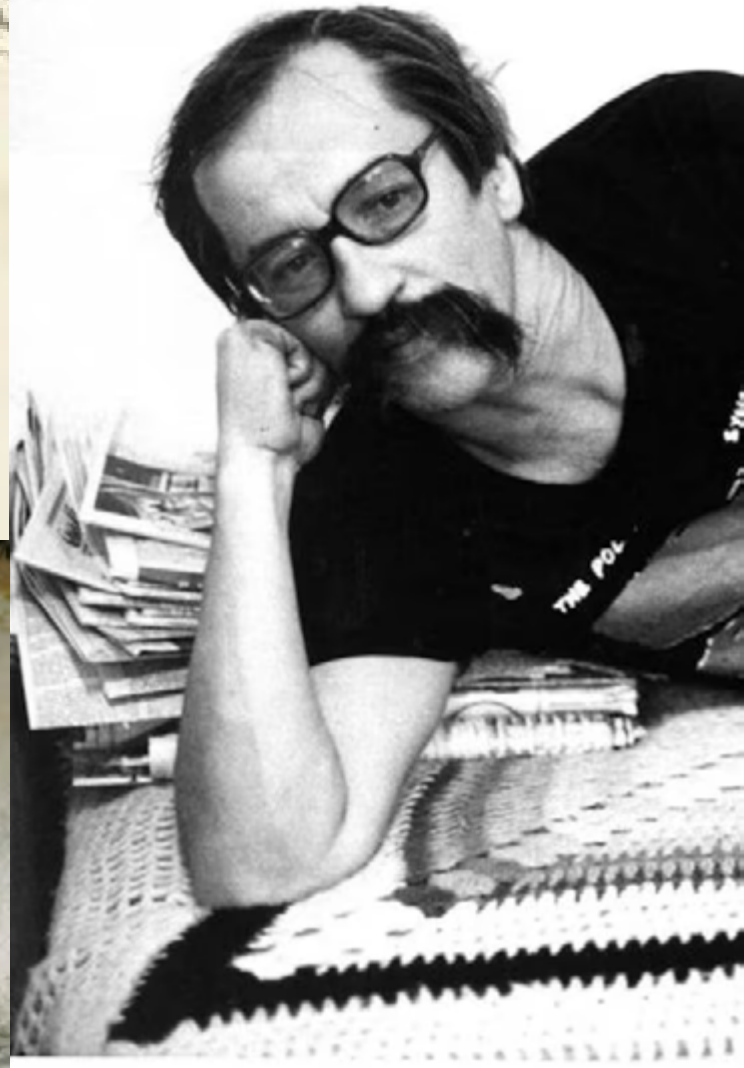
D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#34

CADERNO DE LITERATURA

Paulo Leminski



Memória da mulher negra londrinense

Publicada em 2018, com patrocínio do PROMIC/ Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Londrina com pesquisa e realização de Maria Helena de Oliveira Moraes (1943-2024) a revista

memória da mulher negra londrinense tem sido fonte de pesquisa e trabalho escolar na rede municipal e estadual de Ensino em Londrina e região.



Maria Helena de Oliveira Moraes



Na foto, o filho Aldo Moraes entrega um exemplar da revista a Mateus dos Anjos (diretor de artes circenses da Fundação Estadual de Cultura do Governo da Bahia). Moraes é músico, escritor, jornalista e pesquisador e já levou o material de sua mãe para todo o Paraná, São Paulo, Sergipe, Alagoas e Bahia. A revista tem capa inédita feita por Carão Capstyle, diagramação e arte final de Marcelo Paes e texto de apresentação do escritor Valdir Rodrigues e da assistente social e ex-secretária municipal de políticas públicas para as mulheres, Sueli Galhardi.

Assim caminha (ou se arrasta) a humanidade

Cristian Canto



O trabalho sempre foi necessário, a história mostra grandes construções sem máquinas para auxiliar. A mão humana já trabalhou muito. A força bruta já foi mais requisitada. Hoje a tecnologia abre mais espaço aos “inteligentes”. Mas ainda trabalhamos muito, ainda formamos calos nas mãos, bolhas nos pés, dores nas costas, muito menos que na construção das pirâmides do Egito, a Muralha da China, o Coliseu, entre outros.

Hoje estamos em um momento melhor, qualidade de vida, longevidade, opções. Porém, são tantas opções que muitos perdem muito tempo. Procuram muito, trocam muito. Quando dão conta do que viveram, ou do que não viveram, já é tarde. Esse é o meu ponto de vista, não sei a realidade ou a relatividade do tempo, cada um tem o seu.

Eu ainda valorizo muito o trabalho, o esforço, o suor, a responsabilidade, não tenho, nem nunca tive vergonha ou medo de sujar as mãos. Trabalhei e ainda trabalho muito, por responsabilidades que criei para minha história, por um futuro um pouco mais confortável, por necessidade.

A alguns dias, conversando com um conhecido, contando alguns de meus trabalhos, percebi que realmente a necessidade é relativa de acordo com o dia da conversa.

Eu estava empolgado contando as novidades dos meus dias, e ouvi:

— Mas para que trabalhar tanto? A vida é tão curta, não sabemos se estaremos vivos amanhã.

Respondi que além da necessidade, acho melhor aproveitar o dia fazendo-o render. Mas logo veio outro questionamento somado a crítica:

— Mas tu não achas que deve aproveitar mais a vida? Eu não vou me matar de trabalhar.

Continuei dizendo que o que faço não mata ninguém e apontei em direção do caminhão do lixo que passava em frente, mostrando os garis, que no meu ponto de vista, trabalham muito e arriscadamente.

Ele disse: — Nem por dez mil por mês eu trabalharia como gari, “ta loco”. Isso é escravidão.

Inventei uma história e saí.

Dias depois nos encontramos no mesmo lugar, eu, meio cabreiro com as conversas, apenas o cumprimentei e passei. Mas ouvi:

— Opa, preciso falar contigo.

Voltei ao seu encontro.

— Sabes de alguém que esteja procurando algum auxiliar de limpeza? Não aguento mais trabalhar aqui, já fechei sete meses, muita incomodação!

Na mesma hora lembrei do jornal que li onde estava a foto dos desempregados no feirão de empregos e disse que poderia trabalhar comigo e que ele ganharia mais dinheiro. Ele respondeu:

— Vocês trabalham muito e as vezes trabalham sábado e domingo, não preciso de muito, quero barbada.

Respondi que nesse caso não conseguiria ajudar e ouvi a frase final que me deixou sem reação:

— Mesmo assim vou largar esse “trampo” aqui, cansei. E me diz uma coisa, tem vinte pra me emprestar? “to” sem nenhum pro “rango”.

Eu já rindo da situação disse:

— Trabalha comigo que não vai te faltar mais nada.

Ele completou:

— Não, não. Sempre tem alguém pra emprestar.

Virei as costas e saí.

Poesia: quando o grito vira verso



Cena do documentário Fogo na floresta | Imagem reproduzida no portal Conexão Planeta

Em obra lançada pela Editora 34, poeta maranhense Josoaldo Lima Rêgo transforma as marcas do colonialismo em poética – um arquivo de vozes sufocadas. Quase fotográfico, captura instantes à beira do desaparecimento. Sorteamos um exemplar

Algumas vozes não precisam gritar para serem ouvidas. Algumas histórias não precisam de muitas palavras para serem contadas. Há poemas que nascem do silêncio dos outros – da terra, dos rios, dos que foram esquecidos. Não falam de si, mas do mundo.

Em um mundo onde tantas vozes são abafadas, a poesia de Josoaldo Lima Rêgo ressoa o que se cala. Com sete livros publicados, o poeta e geógrafo maranhense constrói uma obra que não se limita ao confessional ou ao individual.

Em *A Menor das Tempestades*, Josoaldo constrói uma cartografia do silêncio. Seus poemas são habitações transitórias para vozes que a história tentou apagar: o grito abafado do indígena, o suor enterrado no solo pelo trabalhador rural, o lamento subterrâneo dos rios represados. Aqui, a poesia incendeia, grita e esperneia.

Seus versos, transformados em livro pela Editora 34, são feitos de olhares atentos, capturando paisagens à beira do esquecimento.

Outras Palavras e Editora 34 sortearão um exemplar de *A Menor das Tempestades*, de Josoaldo Lima Rêgo, entre quem apoia nosso jornalismo de profundidade e de perspectiva pós-capitalista. O sorteio estará aberto para inscrições até a segunda-feira do dia 30/6, às 14h. Os membros da rede Outros Quinhentos receberão o formulário de participação via e-mail no boletim enviado para quem contribui. Cadastre-se em nosso Apoia.se para ter acesso!

Como observa Edimilson de Almeida Pereira na orelha da edição, Josoaldo trabalha a palavra com a precisão de um montador de cinema, onde cada corte captura reflexões mais agudas e afiadas, dessas que rasgam mesmo.

A Menor das Tempestades é um livro imagético, quase fotográfico, em que a economia das palavras contrasta com a densidade dos temas – cada verso carrega o peso de um mundo que agoniza.

“o machado krahô / na sala fechada do museu /
ressoa a voz timbira”

– Trecho do poema Kàjrê

Sua poética dialoga com a tradição minimalista, mas também com a urgência de denúncia, expondo as marcas da colonização e do apagamento cultural em uma linguagem que se recusa a ser cúmplice do silêncio.

São versos feitos de muitas vozes, por isso o resultado é uma obra que, nas palavras de Edimilson, “depende da precisão do corte para despertar no leitor o desejo pela reflexão metafísica”. Uma poesia para tempos de esquecimento.

Em parceria com a Editora 34, o Outras Palavras irá sortear um exemplar de *A Menor das Tempestades*, de Josoaldo Lima Rêgo, entre quem apoia nosso jornalismo de profundidade e de perspectiva pós-capitalista. O sorteio estará aberto para inscrições até a segunda-feira do dia 30/6, às 14h. Os membros da rede Outros Quinhentos receberão o formulário de participação via e-mail no boletim enviado para quem contribui. Cadastre-se em nosso Apoia.se para ter acesso!

Outras Palavras disponibiliza sorteios, descontos e gratuidades para os leitores que contribuem todos os meses com a continuidade de seu projeto de jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. Outros Quinhentos é a plataforma que reúne a redação e os leitores para o envio das contrapartidas,

divulgadas todas as semanas. Participe!

NÃO SABE O QUE É O OUTROS QUINHENTOS?

- Desde 2013, Outras Palavras é o primeiro site brasileiro sustentado essencialmente por seus leitores. O nome do nosso programa de financiamento coletivo é Outros Quinhentos. Hoje, ele está sediado aqui: apoia.se/outraspalavras/
- O Outros Quinhentos funciona assim: disponibilizamos espaço em nosso site para parceiros que compartilham conosco aquilo que produzem – esses produtos e serviços são oferecidos, logo em seguida, para nossos apoiadores. São sorteios, descontos e gratuidades em livros, cursos, revistas, espetáculos culturais e cestas agroecológicas! Convidamos você a fazer parte dessa rede.
- Se interessou? Clica aqui!



Josoaldo Lima Rêgo

A menor das tempestades

editora 34



Nos rumos da vida

**Opera Mundi: The citadel
of mists**

“A morte não é a maior perda da vida.
A maior perda é o que morre em nós, enquanto
vivemos...!

Floresça, seja luz, mesmo diante do caos. ”

Fabiane Braga Lima

O sonhador, abriu os olhos, o domo azul acima dele, deu pistas de onde estava. Um céu azul-celeste, um céu sem nuvens, uma gama variada de olores florais, inundaram o olfato de Lesoto e zunidos de insetos em voo, sentenciaram onde o sonhador estava. A cidadela das brumas, pelo menos o linear da cidade da afra rainha.

Lesoto que estava deitado, em um solo macio, o sonhador sentiu o cheiro de clorofila e as gramas espetando-lhe o corpo. Embora os muitos temores e os variados cansaços, ordenaram que ele ficasse onde estava e o sonhador buscou energias de onde ele mesmo não sabia que existiam. Ao erguer o dorso, ele percebeu que estava em uma pequena colina verdejante e que o silêncio ali imperava como um se fosse um aviso. A bruma espessa que o rodeava a colina, evanesceu e a frente a névoa começou a evanescer e o portal da cidadela das nuvens surgiu como um convite aterrador.

Lesoto, que percebeu que os dois monumentais guardas pretorianos, não estavam postados nas laterais do portal. A grandiosa arcada, era abastosa em sua base e conforme as duas hastes ganhavam o céu, ficavam delgadas e no topo, o sonhador percebeu o signo amarelo de Hastur. Um tributo da milady Luna Dark, ao rei de amarelo, pensou Lesoto, que estudou e percebeu que os biseis do cyborgue Yendel, trabalharam ali, o sintético deus Calibor fora sagrado e consagrado em belas-artes. Nas suas atrozes conquistas interestelares, ao longo de tempos atemporais, nas suas pilhagens pelos multiversos sem fim.

Lesoto se levantou de forma vigorosa, ele percebeu que usava uma bata cerimonial, percebeu que pôr fim chegara onde queria estar, Botswana estava por detrás daquele portal. O seu rei e pai ali estava, era ali que o sonhador deveria estar e o sonhador caminhou os poucos metros e adentrou na cidade das nuvens. Viu as estreitas passarelas de pedra suspensas no ar por vigas, eram torres em ilhas de degredos com as suas colossais, fabulosas

torres pontiagudas, eram púrpuros palacetes rodeados de jardins verdejantes e as quedas de águas alabastrinas, que brotavam das suas laterais. Ao centro a cidadelas das brumas, rodeada com as torres abóbadas e o palácio principal, a colossal morada da afra rainha Luna Dark ao centro. Lesoto, o sonhador olhou para baixo e só viu as brumas, enfim a cidade das nuvens, um lugar onde nenhum sonhador tinha permissão de pôr os pés. A luminescência ao fundo maravilhou os olhos do sonhador. E Lesoto sabia que quem ousava frequentar a morada da semi-deusa Luna Dark, não saía vivo. Lesoto cruzou o portal de entrada da cidade!

Ernesto Cacinda, o major-general, por fim despertara, estava de volta ao mundo em vigília, um forte cheiro de incenso chegou ao militar de alta patente com força e amargor. As costas lhe doíam, pois estava deitado em uma cama

de bambu e um silêncio sepulcral imperava no ambiente e conforme os olhos do sonhador se acostumaram com a semi-escuridão. Cacinda, percebeu os corpos sem vida em toda parte, ao chão, sentados em suas cadeiras, deitados em suas camas de bambu, interrompidos em suas funções cotidianas. Então o agente de segurança, ligou o alerta total dentro dele, trôpego se ergueu e vagou pelo perímetro. E as lentes de contatos, nos olhos de Ernesto Cacinda escaneou as dezenas dos corpos sem vida. E não foram encontrados ferimentos graves e os corpos estavam quentes, apesar do escaneamento dar conta que estavam mortos a mais de vinte e quatro horas. E as leituras faciais, apontavam que eram os seguranças do lugar, os usuários, os gerentes, os subgerentes, os empregados do opiário. Eram homens e mulheres, idosos e jovens adultos, de várias etnias, idades e de variadas nacionalidades. Ernesto Cacinda, viu a porta de entrada, caminhou para fora do opiário e a forte luz do sol do meio dia, não lhe feriu os olhos, pois os filtros das lentes de contato, protegeram as retinas e a militar ligou a manopla no seu braço direito. No limiar da porta, abrupto, virou-se para trás, o punho fechado acertou o vazio e a onda magnética destruí, tudo que estava à frente.

— Acalma-te soldado! — Falou uma voz forte de comando.

Ernesto Cacinda, o major-general, abrupto se voltou para frente e atônito viu Botswana, vestido à moda europeia, o general sorria emocionado. Botswana abriu os braços e Ernesto Cacinda relutava em abraça-lo. Somente

deu dois passos à frente, pois entendeu o motivo dos corpos sem vida atrás dele.

— Eram criminosos e fracos, meu filho, iriam morrer de qualquer forma!

— Disse o general com todo o peso que a autoridade que lhe conferia.

— Para onde vamos agora? — Perguntou emocionado Ernesto Cacinda!

— Para o novo mundo meu filho.

Fragmento do livro *Opera mundi*, texto de Clarisse Cristal, poetisa, contista, cronista, novelista e bibliotecária em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Argumento de Samuel da Costa, poetisa, contista, cronista e novelista em Itajaí, Santa Catarina.

Artes digitais de Clarisse da Costa, designer gráfico, poetisa, contista e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.



Clarisse Cristal

Poesias: Wilson Iório

Até que baixe a neblina

12-06-2025

10:40hrs

Fico
Olhando por
Horas
Fico
Olhando

Pro nada
Nada procuro
Nada encherço
Não
Estou em nada

Olho
Para o horizonte
Onde não chego
Encherço
O horizonte
E só vejo o risco

Ideias
Plantadas
Estradas cercadas
Músicas no pó
Que o vento em forma de redemoinhos
Levam para longe a insegurança desse meu olhar

Não encherço
Nem tão perto chego
Mas sinto
O quão forte
É o seu pisar
O seu lutar
Sua força ao continuar

Quando, ali, bem longe
A neblina desse,
Sua silhueta é que aparece
Tão bem vestida com sua pele e escuto o sussurrar do seu sorriso

Alegria
Pura
Sincera
Beleza
Tão simples e profunda

Você é assim
Uma espuma
Quando toco
Não cinto
Logo desmancha em meus dedos

Você é assim
Não foi feita para daqui a pouco
Foi feita para agora

Agora
Sinto
A sua alma
Assim como duas peles que, sempre desnuda,
sem máscara ou armadura
Me olha entre a fria neblina e simplesmente sopra
em meu ouvido

Coisas
Que se sente
Que
Se admira
E, sem mira
Acerta algo em mim que
Me desconcerto sem nunca mais querer me
concertar e então...

Volto para dentro de mim
E de novo
Tento lembrar por dias
Fico olhando para o nada
Para o nada olho por horas
Por horas olho

Pro nada
Encherço
Nada procuro
Não estou em nada
Só tento sentir de novo
E espero devo
Todos por todo o tempo
A linha do horizonte

E talvez...
Talvez a neblina volte a baixar
E que eu possa ver
a sua silhueta
Sentir de novo a espuma e, sem que eu possa, ao
menos te tocar,
Você sumirá entre meus dedos.

Rosangela Mariano
São Leopoldo – RS
Instagram: marihanaescritora

Insetos

Os olhinhos quase saltavam das órbitas,
pobres olhinhos inocentes...
incoerentes, patéticos,
querem algo,

estrago que já sofreram tão cedo.
Os dedinhos magros cobrem
a visão retorcida da
angústia que esmaga,
a triste ferida que o
tempo não cura,
nem o remédio adianta?
A pobreza é pungente,
muda o que é direito,
corrói o que está certo,
sufoca os protestos,
mata o inseto?

Inseto... parece aquele menininho
que tapa os olhos na certeza
que não verá nunca o brilho
de um novo amanhecer!
"Somos simples insetos
humanos"



Poeta argentino Pablo Andrés Rial revoluciona a forma de ler poesia

O formato inovador de leitura desafia a linearidade



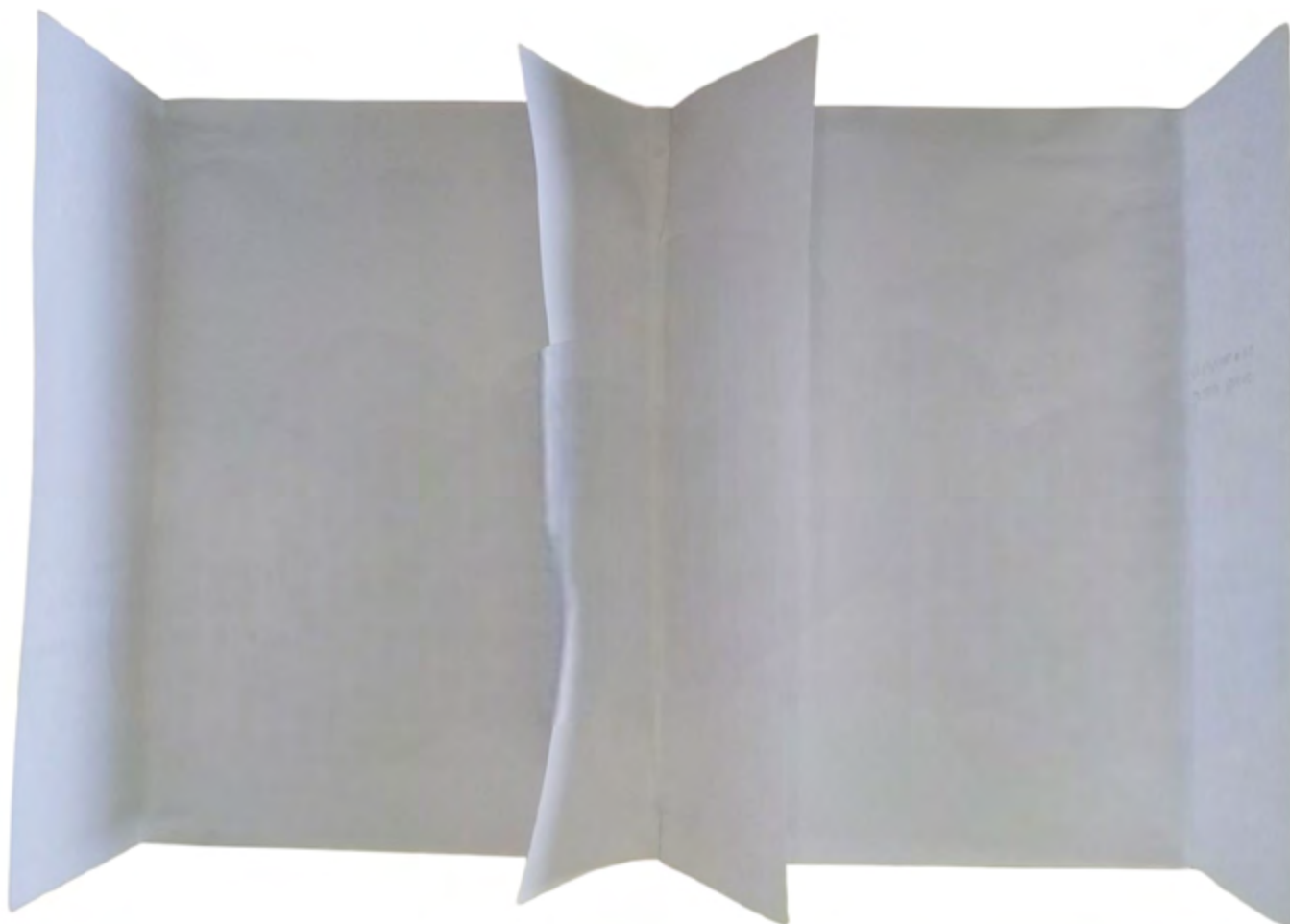
Divulgação/ Pablo Andrés Rial

Por Laura Alejandra Jimenez

Buenos Aires, Argentina – A cena literária argentina acaba de ser sacudida por uma proposta tão ousada quanto poética. Pablo Andrés Rial, poeta e professor reconhecido, apresentou uma invenção literária inédita que promete revolucionar a maneira como nos aproximamos do verso. Registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), sua criação redefine o livro de poesia, transformando-o de uma sequência linear em uma experiência interativa e pessoal.

“Trata-se de um novo formato de livro poético que modifica radicalmente a forma como se escreve, se lê e se publica poesia”, explica com

entusiasmo o autor. Sua invenção se baseia em uma folha central engenhosamente desenhada com duas extensões laterais, às quais chama de “asas”. Essas asas, dobradas nas bordas esquerda e direita da folha principal, podem ser abertas e fechadas de forma independente ou simultânea, revelando progressivamente diferentes camadas do conteúdo impresso. A chave dessa inovação está na distribuição estratégica do texto entre a folha base e as asas. Essa disposição permite ao leitor aventurar-se por diversos caminhos poéticos. Não se trata mais de seguir uma rota predeterminada, mas de construir ativamente a leitura: explorando o poema com as asas fechadas como uma superfície única, descobrindo versos ao abrir apenas uma asa, ou combinando a base e ambas as asas em diferentes configurações.



Essa estrutura dinâmica não apenas altera a experiência do leitor, como também desafia o poeta a conceber sua obra de uma maneira completamente nova. “Escrever nesse formato exige conceber o poema como um organismo móvel, expandido, que admite múltiplas leituras possíveis”, reflete Rial. “Muda a estrutura, o ritmo e a relação da interação visual-textual”.

Do ponto de vista editorial, a invenção do poeta abre um leque de possibilidades inexploradas. “Abre um novo caminho para pensar os livros como dispositivos físicos sensíveis e dinâmicos, além da lógica tradicional da página impressa e fixa”, afirma o autor. O livro transforma-se em um objeto maleável, capaz de oferecer uma experiência única a cada leitor.

O coração da invenção reside em sua simplicidade e no seu potencial de gerar uma conexão profunda entre o leitor e o poema. Ao manipular as “asas”, o leitor se torna co-criador de sua própria experiência poética, descobrindo significados ocultos e estabelecendo relações inesperadas entre os versos. Essa interatividade fomenta uma leitura mais ativa e envolvente, onde a exploração e a escolha ganham protagonismo.

Foto de sua invenção editorial “livro com asas” Para dar vida à sua invenção, o autor criou um primeiro protótipo artesanal, uma edição de sua própria obra. Essa primeira versão tangível permite vislumbrar o potencial do formato e a riqueza das múltiplas leituras que oferece. Com essa proposta inovadora, Pablo Andrés Rial não apenas apresenta um novo objeto literário, mas também convida a uma reflexão profunda sobre os limites e as possibilidades da poesia contemporânea e do livro físico na era digital. “O que proponho não é apenas um livro, mas uma experiência literária única que pode ressoar tanto em leitores quanto em autores, editores, designers e mediadores culturais”, afirma com convicção. “Estou convencido de que pode ser o início de uma conversa valiosa”.

A invenção já está gerando interesse no meio literário e editorial, despertando a curiosidade em explorar esse novo horizonte na leitura poética. Sua proposta convida a repensar a relação entre texto, suporte e leitor, marcando talvez o início de uma nova era na forma como experimentamos a poesia.

vídeo no YouTube explicando como funciona o Livro com Asas: <https://youtube.com/shorts/jigKCetnm9o?si=i-egSXCDu-bF1hQC>

BANDEIRA

Saia com essa bandeira de estrelas azul, branca e vermelha
Não me venha com tal reverência
Com essa língua estrangeira
Com essa arrogância conselheira
Não reconheço a tua bandeira

Saia com essa bandeira de estrelas azul, branca e vermelha
Não me peça que aceite essa rasteira
Em baixo dessa pantaneira
Sou moça feiticeira
Não reconheço a tua bandeira

Saia com essa bandeira de estrelas azul, branca e vermelha
Não queira que eu apresente a saideira de uma latino
americana

Índia, negra, cigana, rendeira
Menos traiçoeira
Não reconheço a tua bandeira

Nascida em Chapecó, no estado de Santa Catarina, a autora é escritora, advogada palestrante e pesquisadora de temas como violências, governanças e poder.

Na área acadêmica, publicou mais de 180 artigos científicos, nos quatro continentes em mais de 15 idiomas.

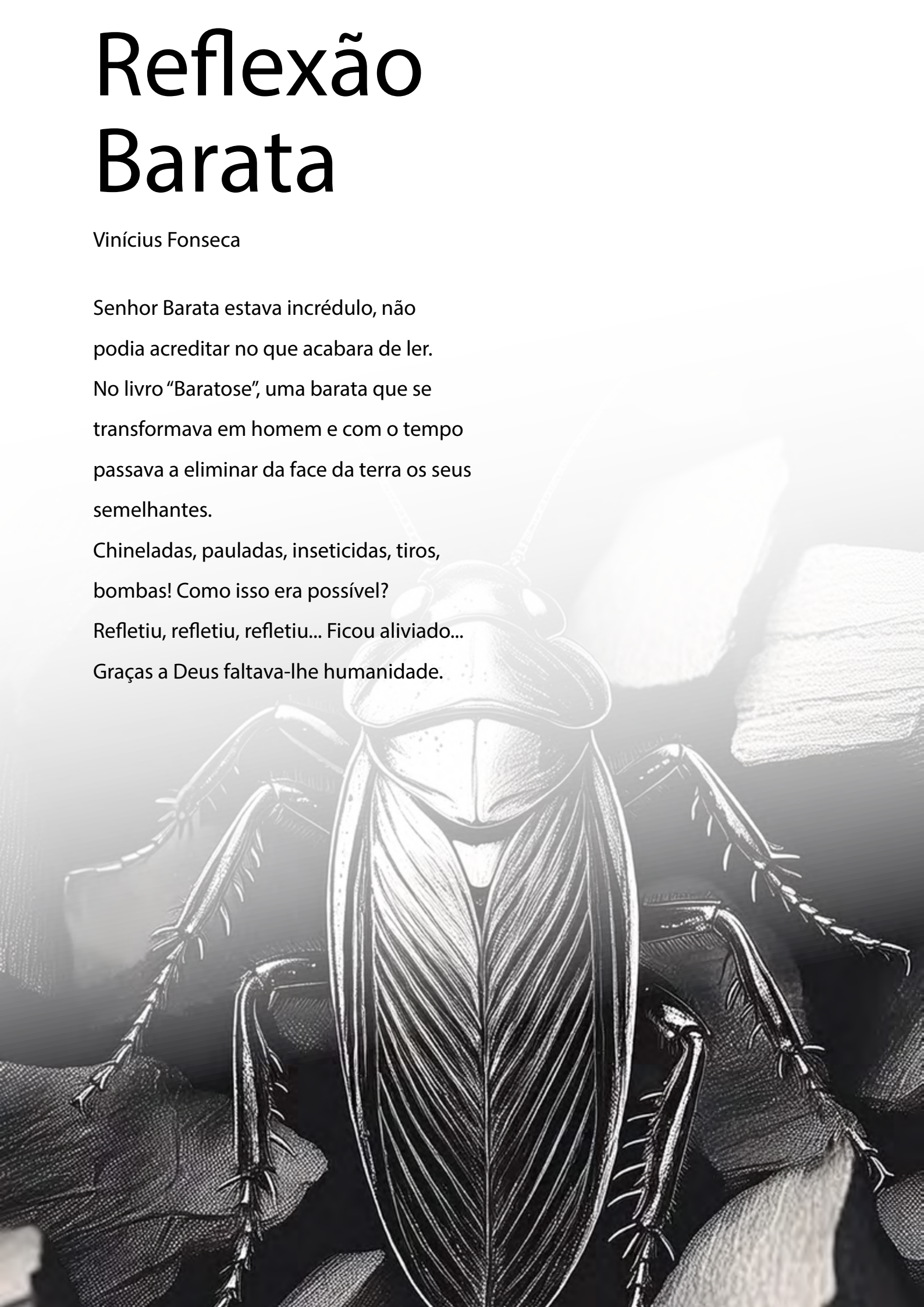
Três vezes vencedora da Bienal, em três categorias diferentes, tornou-se Best seller em 2025 pelo seu desempenho na escrita literária.

Reflexão Barata

Vinícius Fonseca

Senhor Barata estava incrédulo, não podia acreditar no que acabara de ler. No livro “Baratose”, uma barata que se transformava em homem e com o tempo passava a eliminar da face da terra os seus semelhantes.

Chineladas, pauladas, inseticidas, tiros, bombas! Como isso era possível? Refletiu, refletiu, refletiu... Ficou aliviado... Graças a Deus faltava-lhe humanidade.



ABSURDOS.

Dias Campos

Foi lendo Moby Dick que o tema para esta crônica surgiu. Acredita, leitor amigo, que o seu autor, Herman Melville, homem culto e habituado às agruras do mar – ele foi baleeiro –, comparou, argumentou e concluiu em seu clássico que a baleia não era um mamífero, mas, sim, um peixe que esguichava e tinha cauda horizontal?! Seja ou não justificável a sua conclusão ante os rudimentares estudos acerca dos cetáceos daquela época, o fato é que esse absurdo me saltou aos olhos.

Daí que outro disparate irrompeu em minha mente. E voei ao computador, ávido por contá-lo. Era um domingo frio e chuvoso, ideal para bate-papos, macarronada fumegante, pão italiano e dois tintos encorpados.

Conforme o combinado, chegamos à casa da nonna por volta das 13h munidos

da sobremesa, um respeitável Tiramisù.

Ocorre que minha sobrinha escolheu esse mesmo almoço para apresentar o novo namorado...

Diante dessas reticências, suponho que você esteja se perguntando se o despropósito que anunciei estaria próximo de acontecer?

Com efeito, depois que nos servimos do mais caseiro dos espaguetes à bolonhesa; após o primeiro brinde, o dedicado à união familiar; e tão logo começamos a enrolar nos garfos a deliciosa massa, passamos a ouvir um ruído que a todos estacou.

Como não estivesse habituado com a nossa tradição, e uma vez que minha sobrinha jamais imaginara tamanha gafe, o seu namorado simplesmente ignorou a colher que serviria de apoio àquela etiqueta e cortava o macarrão com a faca destinada ao frango!

Ora, para uma família de descendentes de italianos, tradicional, essa atitude só

poderia ser definida com um verdadeiro assassinato! Com o passar dos segundos, porém, o pobre moço percebeu o silêncio que o rodeava. E foi parando de cortar... e foi levantando os olhos...

Acho que nunca rimos tanto quanto nesse dia!

Devidamente esclarecido pelo patriarca sobre o absurdo que acabara de praticar, o jovem pediu milhões de desculpas e prometeu nunca mais cortar outro punhado de espaguete, no que foi aplaudido por todos. E o almoço prosseguiu prazeroso até o cafezinho, como deve ser a uma família que se ama.



Poesias Wilson Iório

Nome: A esperança de uma folha.

08-06-2025

20:45hrs

Ahhhh
Esperança dolorosa
Que me impede
Que chora
Que espera por horas
Que me faz sofrer
Por esperar

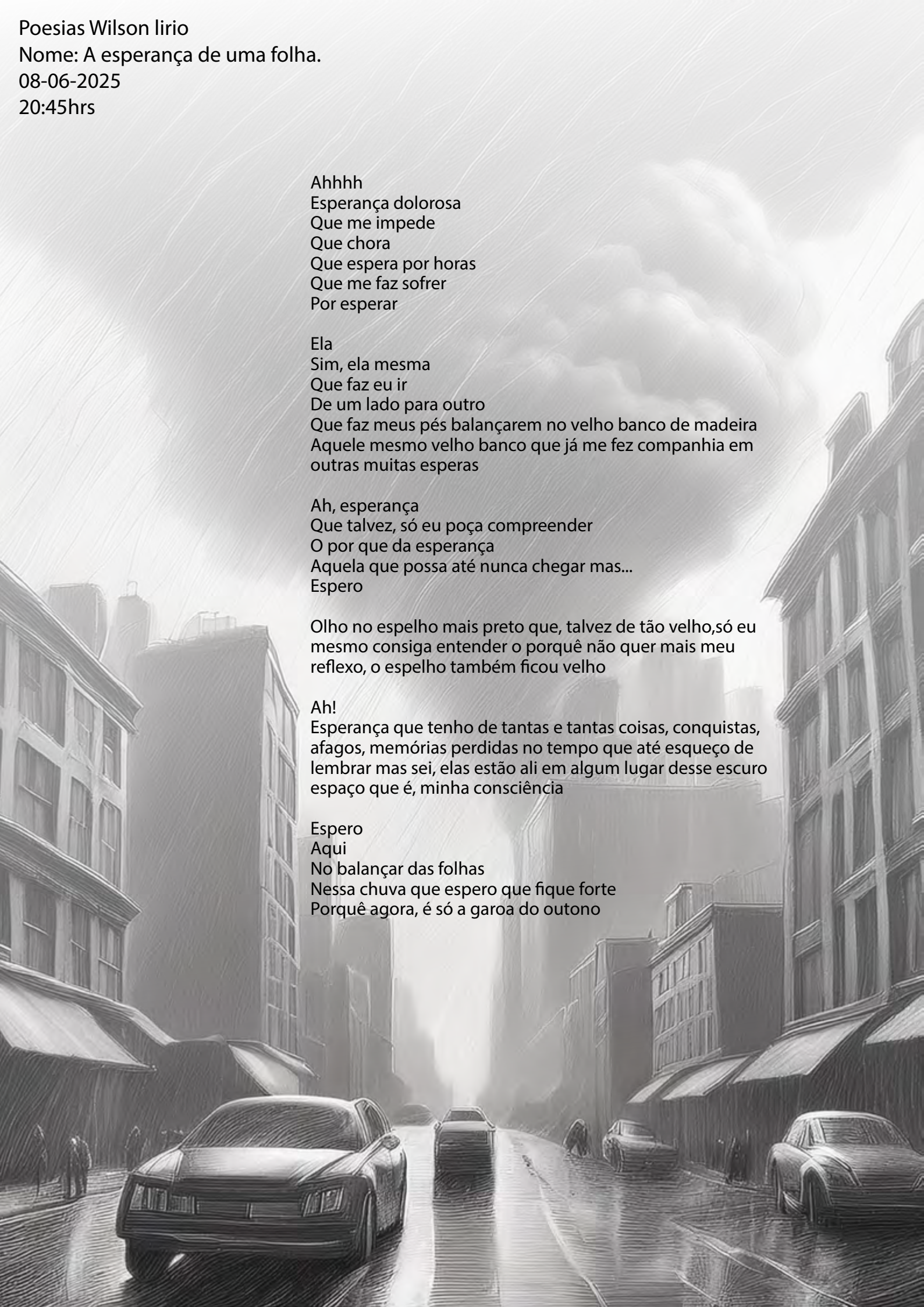
Ela
Sim, ela mesma
Que faz eu ir
De um lado para outro
Que faz meus pés balançarem no velho banco de madeira
Aquele mesmo velho banco que já me fez companhia em
outras muitas esperas

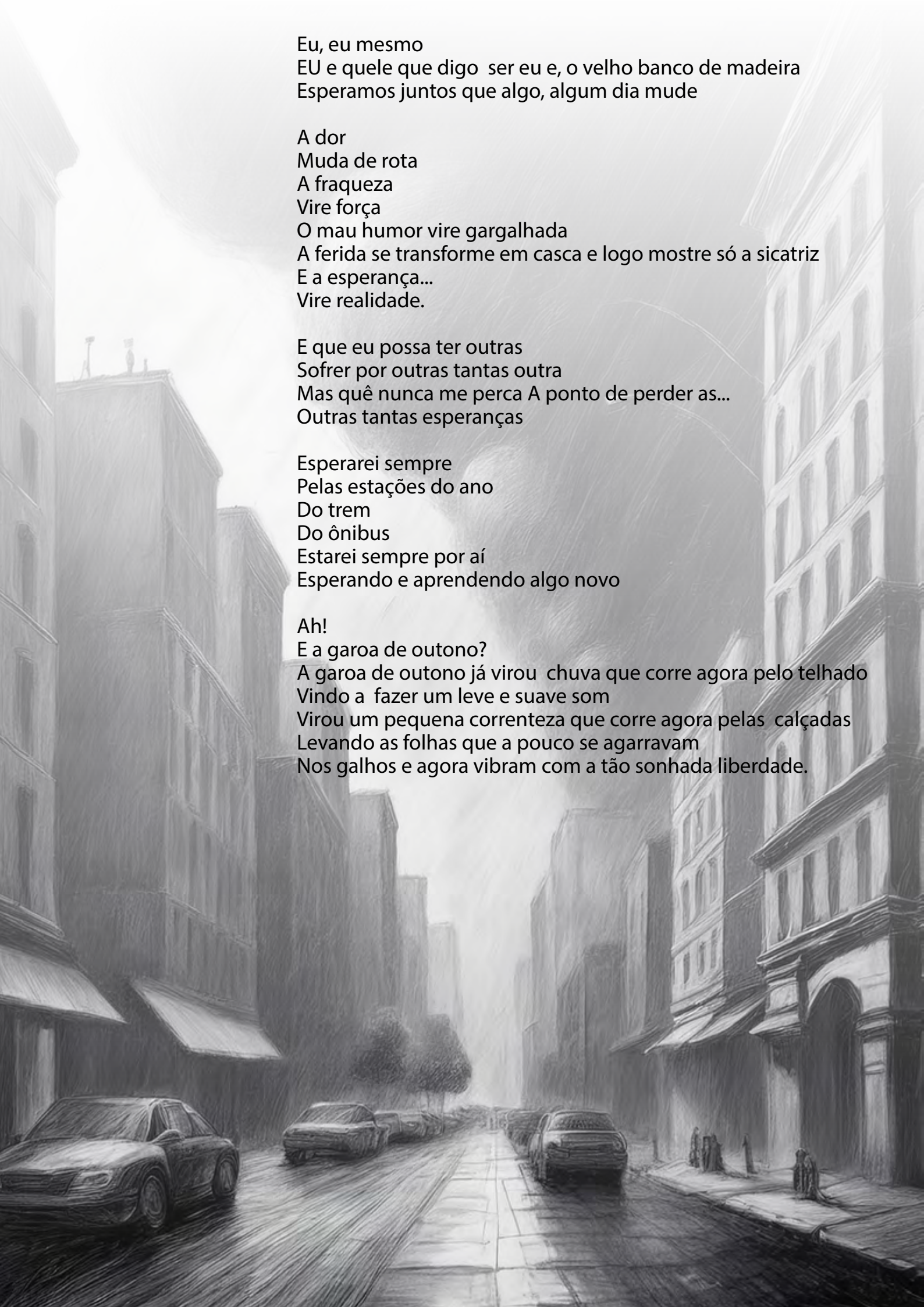
Ah, esperança
Que talvez, só eu possa compreender
O por que da esperança
Aquele que possa até nunca chegar mas...
Espero

Olho no espelho mais preto que, talvez de tão velho, só eu
mesmo consiga entender o porquê não quer mais meu
reflexo, o espelho também ficou velho

Ah!
Esperança que tenho de tantas e tantas coisas, conquistas,
afagos, memórias perdidas no tempo que até esqueço de
lembrar mas sei, elas estão ali em algum lugar desse escuro
espaço que é, minha consciência

Espero
Aqui
No balançar das folhas
Nessa chuva que espero que fique forte
Porquê agora, é só a garoa do outono





Eu, eu mesmo
EU e quele que digo ser eu e, o velho banco de madeira
Esperamos juntos que algo, algum dia mude

A dor
Muda de rota
A fraqueza
Vire força
O mau humor vire gargalhada
A ferida se transforme em casca e logo mostre só a cicatriz
E a esperança...
Vire realidade.

E que eu possa ter outras
Sofrer por outras tantas outra
Mas quê nunca me perca A ponto de perder as...
Outras tantas esperanças

Esperarei sempre
Pelas estações do ano
Do trem
Do ônibus
Estarei sempre por aí
Esperando e aprendendo algo novo

Ah!
E a garoa de outono?
A garoa de outono já virou chuva que corre agora pelo telhado
Vindo a fazer um leve e suave som
Virou um pequena correnteza que corre agora pelas calçadas
Levando as folhas que a pouco se agarravam
Nos galhos e agora vibram com a tão sonhada liberdade.



Sou

Sou o Apollo Creed

Na luta contra o Drago

Sou Senna na curva tamburello

Sou Kurt Cobain com a espingarda
na cabeça

Sou Chris Cornell em seu quarto de
hotel

Sou o Jack no filme Titanic

Sou Prost no Gp de Suzuka 1990

Assim como Mansell & Senna, vai
ser difícil alguém tirar o pé.

Vagner Xavier



Dos ridículos da vida: Restos de nada!

Não raro, as divinais criaturas celestes, os querubins e as querubinas quedam de lá, das densas alturas do páramo e dão os ares das suas divinas graças, nos subsolos da sociedade estratificada. Em um sábado de sol ameno, eu um mero habitante do subsolo, eu um agente efetivo do aparato repressivo do estado, em um dia de folga fui passear, fui acompanhado do meu filho. Fomos acompanhar uma ação social, em uma comunidade carente, que o poder público local estava promovendo. Era em uma comunidade carente perto do centro da cidade, favela no português popular brasileiro.

E um pouco de contexto aqui, um novo governo, surgiu via votos populares, e querubins e as querubinas, com sangue nos olhos, promoveram uma eugenia social, como programa de governo. Moradores de ruas foram reprimidos e não um caso isolado, pois uma onda conservadora ainda paira no ar no momento que estou dedilhando este texto. E então, querubins e querubinas saíram das alturas e vieram até os subsolos, juntos com os aparatos repressivos do estado, pôr os moradores de rua, para correr das ruas das cidades. "Aqui? Aqui não!" Era o slogan dos seres celestiais, os querubins e as querubinas

De volta ao começo do texto, no pós-repressão, pois a comunidade mais atingida, pela onda repressiva estatal, foi aquela que estávamos indo visitar e ver de perto, os querubins e querubinas dando os ares de suas divinais graças. E nada de novo no front, passeios a cavalo, algodão doce distribuídas de graça, lúdicas brincadeiras para a gurizada, demonstrações de artes marciais, música local bem alta. Com direito a um portentoso caminhão de combate a incêndios, para a molecada subir e descer. Então caminhando pelo local, eu me deparei com alguns semideuses e semideusas, que eu conhecia, eles e elas, com as suas devidas caras amarradas e desanimadas.

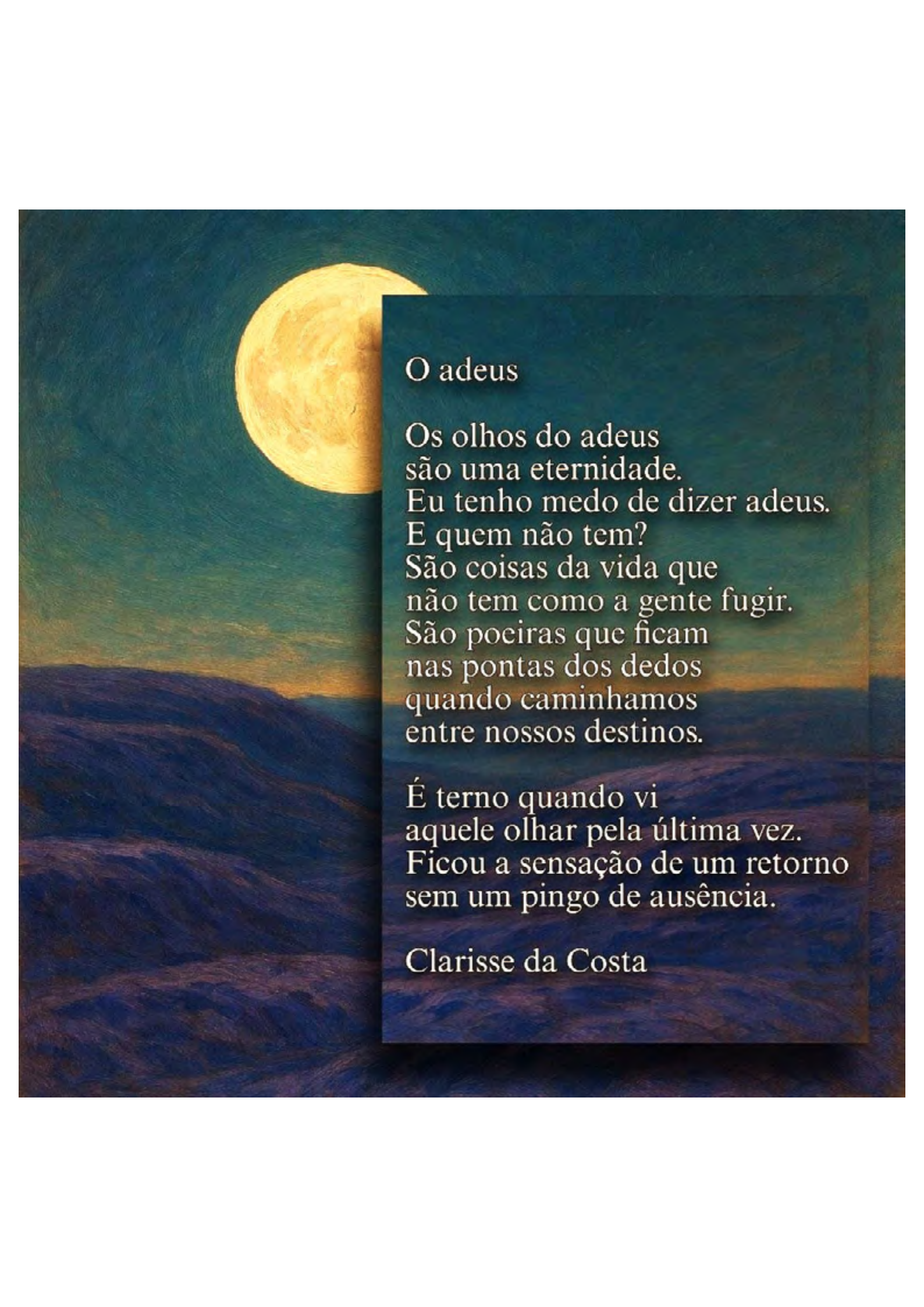
O circo armado, quero dizer a ação social, tinha se dado na entrada da comunidade periférica, leia-se favela, local que eu vivi até os meus seis anos de idade, para depois vir a viver em um bairro afastado, um bairro periférico semi-rural. E eu e o meu filho, deixamos as barracas para trás e caminhamos os quase trezentos metros da rua central da comunidade.

Sim, tive alguns gatilhos, para além da minha infância, estive ali várias vezes, a visitar parentes e parentes e pessoas próximas da minha mãe, que também chegou ali, vindo do interior, aos seus seis anos de idade. E também recebíamos muitas visitas deste povo em casa. E ao percorrer aquela pequena avenida, rostos desconhecidos a me encarar, talvez gente que me viu criança andando por ali. Eram becos e vielas, bares com os seus personagens típicos e acrescidos de gente estrangeira, que de uma distância segura, olhavam a cena circense, que se desenrolava a poucos metros à frente.

E para os ridículos da vida, de muitas outras vidas, chegamos ao final da avenida, eu vi o que me motivou de fato estar ali, o antigo presídio regional já não existia mais, só restavam escombros. Não, a casa de detenção não existia na minha tenra infância, ele foi construído anos depois. Ficou pronto nove anos depois da minha partida. E muitas lembranças, pois a minha antiga casa, que obviamente não existia mais, era vizinha da casa de detenção e a torre de vigilância ficava em cima da minha antiga casa. E me lembrei da frase do pensador alemão: "Tudo que é sólido desmancha no ar!". Tiramos algumas fotografias, o meu estômago embrulhou, ao percorrer do que sobrou do presídio regional. E das muitas ficções que escrevi, embaladas por coisas que vi e que me contaram sobre o presídio. Eu um agente efetivo do aparato repressivo do estado, tive muitos amigos, pessoas próximas, conhecidos que trabalharam e foram apenados naquele presídio. Sim uma ridiculice, a mera existência de presídios, penitenciárias e casas de apenados e a própria existência das forças repressivas do Estado.

Fragmento do livro: Dos ridículos da vida. Texto de Samuel da Costa, contista, poeta e novelista em Itajaí, Santa Catarina.



The background is a painting. In the upper left, a large, bright yellow full moon hangs in a dark teal sky. Below the sky, a dark, wavy landscape in shades of blue and purple stretches across the bottom. A semi-transparent dark rectangle is overlaid on the right side of the image, containing white text.

O adeus

Os olhos do adeus
são uma eternidade.
Eu tenho medo de dizer adeus.
E quem não tem?
São coisas da vida que
não tem como a gente fugir.
São pociras que ficam
nas pontas dos dedos
quando caminhamos
entre nossos destinos.

É terno quando vi
aquele olhar pela última vez.
Ficou a sensação de um retorno
sem um pinga de ausência.

Clarisse da Costa

Ama-me se puderes



Fabiane Braga Lima

Conheceram-se, entre trocas de olhares furtivos, curiosos e discretos sorrisos maliciosos, numa festa de casamento, de improváveis amigos e amigas em comum. E desde aquele final de tarde ameno, não se largaram mais. A misteriosa Angelina, sentiu uma imediata atração voraz por Jhon, um entediado homem de família, maduro, de muitas posses, casado e com filhos. Ambos gravitavam em universos sociais diferentes e ambos alheios um do outro. Ainda na festa de casamento, discretamente travaram um diálogo rápido, franco e sincero. E também, combinaram de trocar impressões íntimas em um lugar mais reservado.

Após o primeiro encontro íntimo e secreto, passaram a se encontrar quase todos os dias, sem levantar suspeitas, pois moravam na mesma cidade e no mesmo bairro. Literalmente, bastava um aviso breve dele, logo ela saía ao seu encontro, em poucos minutos, sempre no mesmo lugar, sempre à mesma hora, no convulso centro comercial da cidade onde viviam.

Sedentos por aventuras, passaram a se encontrar em um lugar ermo, desolado e dentro do confortável e luxuoso carro de Jhon. E no dia claro, em plena luz do dia, na iminência de serem flagrados, Angelina se entregava totalmente para ele! O gosto da aventura e, os sabores do perigo encheram de vida, os corações e mentes do casal ocasional. Apesar de ser casado, Jhon nutria uma paixão intempestiva por Angelina, os limites da perigosa aventura pura e simples tinham sido ultrapassados.

E toda aquela atração sexual, foi crescendo, ambos não conseguiam ficar mais longe um do outro. Então, em um rompante ele resolveu alugar uma casa, no limiar entre o centro urbano apoplético e a calma bucólica da zona rural. Lugar onde pudessem viver juntos, como amantes clandestinos sem chamar a atenção de quem quer que fosse. Aquela que seria uma breve aventura perigosa acabou se tornando uma ardente paixão desmedida, estava virando doença!

Jhon tratava Angelina, como se ela fosse a sua propriedade particular. E quando saía para o trabalho, ou passar mais tempo com os filhos, no ninho de amor do casal, ele algemava a amante na cama. A algemava, para que ela não pudesse fugir, pois seus ciúmes eram exagerados. Angelina parecia gostar de tudo aquilo, era refém de sua própria demência, virou serva submissa de Jhon, ambos pareciam doentes!

Toda aquela tórrida paixão virou dependência, como se fosse uma droga, como se fosse uma obsessão, não existia mais vida, afetaram as próprias famílias. John, já não se importava mais com a esposa e os filhos. Quanto a Angelina, gostava de ser algemada, de ser machucada física e emocionalmente. Vivendo sob as loucuras dos amantes sem limites. Como entender!?

— Vai sair meu amor!? — Perguntava Angelina um certo dia qualquer.

— Sim, mas logo volto. — A resposta vaga e monótona fez tremer Angelina do seu cerne mais profundo, no âmago mais abissal da jovem.

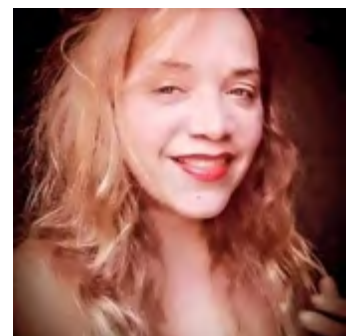
— Jhon volte! Você se esqueceu de me algemar! — Disse Angelina, em agonia.

Ela gostava da sensação de ser possuída! A atração entre os dois foi ficando perigosa, toda aquela insanidade foi tomando conta da mente deles. Enfim, não viviam mais. Famílias!? Deixaram-nos e ficaram os dois sozinhos vivendo no limbo existencial. Mas, também havia como companhia fiel, pairando no ar, uma leve sensação de vergonha! Sentiam-se envergonhados com aquele relacionamento. E assim ficaram vivendo por um bom tempo como se somente eles existiam.

Fragmento do livro: Duas lágrimas, duas vidas e dois sorrisos. Texto e argumento de Fabiane Braga Lima, novelista, poetisa e contista em Rio Claro, São Paulo.

Texto e revisão de Samuel da Costa, novelista, poeta e contista em Itajaí, Santa Catarina.

Artes digitais de Clarisse da Costa, designer gráfico e poetisa em Biguaçu, Santa Catarina.



Cultura Digital: O que foi, o que será

OutrasPalavras
Descolonizações
por Célio Turino

Num poema político, a história interrompida de um Brasil-vanguarda. Software livre, jovens hackers, pontos de cultura. Um dos semeadores desta época reconstitui a efervescência das redes – hoje “fio partido” que precisa ser reconstruído



Arte: Revista Gama

Convidaram-me para encontro promovido pelo Pontão de Cultura Sacix com o pedido uma análise sobre a experiência brasileira com a Cultura Digital, particularmente sob o programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura, no período entre 2004 e 2010, momento em que o Brasil foi referência e vanguarda mundial no tema.

Nesse meu tempo da vida, de volta às minhas raízes caipiras, olhando para um bosque a partir de meu quintal, no lugar de uma palestra, prefiro oferecer a análise em forma de poema.

Cultura Digital: O que foi, o que será
Foi real.
Foi vanguarda.
O Brasil ensinou ao mundo
que cultura não se enquadra,
não se engarrafa,
não se vende na prateleira dos monopólios.

Cultura Digital
autonomia tecnológica
trabalho colaborativo
generosidade intelectual.

Software Livre,
código aberto
como um rio sem dique
que arrebenta as margens
com conhecimentos que se completam,
afluentes do rio maior;
cada qual com seu saber e modo de ser,
gente que nunca se viu pessoalmente,
mas que sabiam estarem na afluência
para um rio grande como o Amazonas,
digital, imenso, real.

Inteligência vital
o fluxo do saber
que não é artificial,
é pulsante, coletivo.

Ação Cultura Digital da Cultura Viva e os Pontos de Cultura,
cada comunidade, cada Ponto,
com seu estúdio multimídia
em tecnologias livres.

Autonomia para se ver e ser visto
do jeito que se quer,
do jeito que se é.
Autonomia para gravar músicas,
fazer filmes, compor sinfonias,
contar e recontar histórias,
não mais pelos outros,
mas por si,
na voz de cada Ponto de Cultura,
cada comunidade, cada povo.

Povo livre,
dono do seu destino,
processando dados
controlando programas
interpretando processos lógicos
navegando em barco digital.

Sim, aconteceu!
Feito pelas mãos do povo.
Eu vi!
Muitos de vocês viram;
ou melhor, fizeram.
Sim, aconteceu!

O barco Xemelê
em referência ao código XML,
abrasileiramento em ritmo e nome lúdico.
Conversê,
rede social para os Pontos de Cultura,
essa rede foi feita,
juntava as funcionalidades do youtube e facebook
quando esses engatinhavam.

Foi em 2006,
o futuro era nosso.
Não foi,

mas poderia ter sido nosso.

Tantos jovens hackers,
engenheiros da computação
desenvolvedores
ativistas da cultura digital
trabalhando em união.

Pode haver maior poema que esse?!?!

Tantos navegando rios
cruzando estradas
espalhando sementes digitais.
Tantos conhecimentos ofertados
entre igarapés,
nas rotas dos Mocambos,
junto aos Ikepeng, Ashaninka,
o Vídeo nas Aldeias,
nas favelas, periferias,
nos becos e praças,
nas cidades pequenas e grandes...

Gilberto Gil ministro da Cultura
e um bando de tropicalistas e comunistas,
hackers, artistas, ambientalistas...
À frente da Cultura Digital,
um velho hippie, Cláudio Prado.

Sucata tecnológica transformada
em computadores potentes,
o futuro começava
nas mãos da gente,
do povo, dos de abaixo.

Circuitos reciclados,
antenas de Wi-Fi feitas
com lata de leite em pó,
conexão por internet via satélite
(programa G-sac, do Ministério das Comunicações),
chegando nos quilombos,
no Xingu e assentamentos rurais.

Tempo de metarreciclagem digital,
colaboração, partilha
e generosidade intelectual
Sim, aconteceu!

Oitenta e duas
Oficinas de Conhecimentos Livres
realizadas em 6 anos, de 2004 a 2010,
por todo canto, com milhares de ativistas,
mestras e mestres da cultura popular,
jovens dos Pontos de Cultura do Brasil profundo.

Onde?
Nas favelas, aldeias, vilas rurais, metrópoles...
Para quem, com quem?
Jovens das periferias, indígenas, quilombolas, camponeses...
Milhares de sonhares em criação comum,
Creative Commons e suas licenças livres.

Sim, aconteceu!

Cada Ponto de Cultura com suas
tecnologias, memórias e miragens;
conhecimento compartilhado
transformado em arte e potência.
Haverá sonho maior que esse?!?!

Aconteceu.
Foi real,
poesia máxima da Cultura Viva,
o mundo olhou para o Brasil com admiração;
não o mundo das ganâncias,

dos egoísmos e individualismo,
o mundo da cultura livre
pelo bem comum.

O mundo admirou,
estudou, colaborou,
aprendeu e perguntou:
Como foi possível?

Como poderiam os mestiços, os cafuzos,
os periféricos, os invisíveis, a gente dos rincões do Brasil,
de Pontos de Cultura que nunca antes haviam sido percebidos,
criarem o futuro antes do tempo?

Nos antecipamos até ao “deserto de notícias”,
compreendemos a comunicação
como direito humano básico,
não como mercadoria;
surgiram os Pontos de Mídia Livre.

Poesia em papel de embrulhar pão,
carbono zero nas notícias,
financiamento público para revistas,
sites, rádios, TV, podcasts (e nem havia podcast).

Se deu vez e voz ao midialivrismo
e à comunicação comunitária
como nunca antes e nunca mais se viu,
nem no Brasil, nem em lugar algum,
mas aqui aconteceu, mesmo que em tempo curto.

Sim, aconteceu!

Imaginem se tudo isso tivesse tido continuidade?
Ano a ano, melhorando cada vez mais,
com mais apoio.
Imaginem...

Mas o tempo virou poeira,
veio 2011 e, no silêncio traiçoeiro dos gabinetes,
retração, retrocesso (que começou no primeiro dia).
desmonte, assédio e perseguição.

O que era rede virou fio partido,
o que era livre foi trancado
em códigos proprietários
sob o mando das Big Techs.

Como foi possível desmontar invenção tão bonita?
Desprezo àquilo que o povo inventa.

Os que cortavam os cabos do futuro
não percebiam que,
ao sufocar a Cultura Viva e a ação da Cultura Digital,
estariam estrangulando a própria garganta.

Calaram a voz do povo,
a única voz que poderia ter defendido
o governo que cairia poucos anos depois.

Golpe seco, sobrou o grito
– ah, o grito -,
esse ecoou do outro lado
onde o medo plantou ódio
a ignorância virou intolerância,
e a treva alargou os dentes.

Sem cultura digital autônoma,
sem alegria e invenção,
sem ousadia, sem encontro,
cresceu o monstro.

Monstros erguem medos,
agora com nome de Fake News,
eufemismo para mentiras, ódios e cizânias,
censura e manipulações algorítmicas.

Atropelados em turbilhão,
talvez sequer tenham entendido
que ao perseguir a Cultura Digital
estavam a colocar o Golpe adentro.

De certa forma o Golpe sempre esteve dentro,
disfarçado de burocracia sem alma,
rendida, hedonista (como Max Weber descreveu).
Retrocesso travestido de técnica que é atraso
parado no tempo que corre ao contrário.

É assim na cabeça de todo vassalo,
colonizado, voluntariamente servil,
sempre enredado em seus grilhões;
o Golpe sempre está dentro.

Tesoura fria a cortar cabos e sonhos
sempre há em governos,
do lado que for,
impedir avanços é da lógica do Estado,
se moldar e dizer que não pode mudar.

O Estado tem lado,
não aceita emancipar,
porque, se emancipa,
perde o poder de controlar.

Avanços, só por frestas e arestas
que logo são fechadas
quando os que mandam
percebem que avançando assim
perderão o poder de mandar.

Enfim...
Não vale a pena gastar verso
com quem prefere se amoldar
a lutar pela emancipação.

Enfim...
O que um dia se sonhou Cultura Livre
foi sendo substituído pela trama dos algoritmos.
O que poderia ter sido nosso
foi dominado pelos impérios invisíveis.

Enfim...
Hoje, até a comunicação das Forças Armadas
passa por satélites de multibilionário
com saudações nazistas.
Isso sim é perder soberania, se render.
Enfim...

Quanto retrocesso!
Poderia ter sido diferente,
mas a hora correu ao contrário
e as Big Techs tomaram o domínio do tempo.

O Brasil esqueceu que foi vanguarda
e, na amnésia do tempo,
abriu caminho para a treva,
retrocedeu.

Pode haver maior tragédia que essa?!?!

Mas nada está morto
enquanto houver quem lembre,
nada se perde
quando o povo decide recomeçar.

A Cultura Digital
segue na rota dos Baobás,
a Cultura Viva
segue pulsando nos Pontos de Cultura que resistem.

O Brasil ensinou o mundo uma vez,
ensinará de novo,
o que foi, será,
o que cortaram, renascerá.

Onde há raiz
há retorno da vida
que pode surgir
do redemoinho do Saci;
ou melhor, Sacix.

Que redemoinho será esse?
Um furacão de graça,
que rola, roda, sem parar, sem fim,
com um pé só,
riso e vento unidos,
turbilhão de vida e arte,
tecnologia em cultura livre,
dança com alegria e sabedoria,
passado, presente e futuro,
tradição e inovação;
Revolução.

Agora é fazer de novo,
Sacix é um belo nome para uma Rede a desafiar o X.
Novos estúdios,
datacenters distribuídos,
com tecnologia nossa,
colaborativa, generosa.
Metarreciclagem outra vez!

Inteligência em Teia,
vital ao invés de artificial,
inventando aquilo que nem se sabe...

Enfim, libertação!

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, seja
nosso apoiador e fortaleça o jornalismo crítico: apoia.se/outraspalavras

Tags
cultura digital, Cultura Viva, Gilberto Gil, mídias livres, Pontos de Cultura,
Sacix, software livre

PRÓXIMA EDIÇÃO

#35

dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

AVALIE NOSSO PROJETO

